EXEMPLAR DE CORTESIA — VENDA PROIBIDA

JUNHO - 1985

BIZZ

ALL THAT JAGGER!

O NOVO ROCK ALEMÃO

AO VIVO

QUIET RIOT SP

THE FIRM NY

DUNA, O FILME

ENTREVISTA EXCLUSIVA

RITA LEE

PROMOÇÃO

VÁ VER OS STONES EM NY

DAVE LEE ROTH

POSTER

GRÁTIS

TRAILER-DISC

TRECHOS DAS NOVÍSSIMAS GRAVAÇÕES

PRINCE

TITÃS

POWER STATION

E OUTROS MAIS...

NO LUGAR DA AGULHA, O RAIO LASER. NO LUGAR DO LP, O COMPACT DISC. NO LUGAR DO RUÍDO, O SILÊNCIO. NA FREN TE, GRADIENTE.

A GRADIENTE SURPREENDE MAIS UMA VEZ. FOI BUSCAR NA INFORMÁTICA A TECNOLOGIA NECESSÁRIA À REALIZAÇÃO DE UM VELHO SONHO: O DIGITAL LASER DISC PLAYER. A PARTIR DE AGORA O MUNDO DO SOM GANHA SUA VERDADEIRA E REAL GRANDEZA, COM A AUSÊNCIA ABSOLUTA DO RUÍDO E DO CHIADO. A RAZÃO É SIMPLES: NO TOCA-DISCOS NÃO EXISTE AGULHA, NO DISQUETE NÃO EXISTE SULCO. APENAS COVAS MICROSCÓPICAS QUE SÃO LIDAS 44.100 VEZES/SEGUNDO POR TRIPLO E EXCLUSIVO FEIXE DE LASER. NENHUM CONTATO MECÂNICO. SÓ A LUZ DO LASER, SILENCIOSA E ESTÁVEL. MAIS UMA VEZ É A GRADIENTE QUE REVOLUCIONA O MUNDO DO SOM. E NADA SERÁ COMO ANTES. POR QUE JUNTO COM A REVOLUÇÃO DO LASER, O LDP 636 INTRODUZ OUTRAS INOVAÇÕES: REPRODUÇÃO PROGRAMÁVEL DE FAIXAS, TRECHOS OU DE TODO O DISCO, AVANÇO E RETROCESSO RÁPIDOS, INDICADOR DE TEMPO, TECLA REPEAT, DISPLAY INDICADOR DO NÚMERO DA FAIXA E MUITAS OUTRAS CARACTERÍSTICAS, TUDO COMPATÍVEL COM O EQUIPAMENTO DE SOM QUE VOCÊ TEM EM CASA. VENHA CONHECER O LDP 636 NO SHOW ROOM GRADIENTE EM SÃO PAULO, À RUA HENRIQUE MONTEIRO, 90, OU ESCREVA SOLICITANDO INFORMAÇÕES. RESERVE DESDE JÁ O SEU NO REVENDEDOR DE SUA CONFIANÇA. AFINAL, JÁ É TEMPO DE VOCÊ TER O MELHOR.

gradiente
NA VANGUARDA DO LASER

Produzido na Zona Franca de Manaus

DIGITAL LASER DISC PLAYER GRADIENTE

TRAILER·DISC

O MELHOR DOS NOVOS LANÇAMENTOS

Todo mês BIZZ dará a você um compacto com trechos de músicas que acabaram de ser gravadas. Em primeira mão, o som do futuro. Neste primeiro Trailer Disc, você encontra:

Foto Elliot Roberts - LFI

Prince

Aa

1. **Prince & the Revolution** com *Raspberry Beret*, uma instigante síntese do popfunk dos anos 80 com o rock psicodélico da década de 60.
2. Os **Titãs** com *Insensível*, uma tocante e dançante canção de amor sôfre
3. O grupo paulista **Zero**, com *Heróis*, seu primeiro lançamento.
4. O tecnotrio inglês **Heaven 17**, com *Flame Down*, soul de olhos azuis feito à moda européia.
5. A banda **Stress**, paulista de Belém do Pará, com *Heavy Metal*, um resumo de suas intenções roqueiras.

Foto CBS

Zero

Foto CBS

Capital Inicial

Bb

1. Mais **Heaven 17**, desta vez com *Sunset Now*. Para quem não sabe, o grupo dos produtores de *Let's Stay Together*, o hit de Tina Turner.
2. **Power Station** com *Some Like it Hot*. Investida extracurricular de dois quintos do Duran Duran com o vocalista Robert Palmer e o baterista Tony Thompson, do Chic.
3. O **Capital Inicial**, a nova banda brasiliense, com *Descendo o Rio Nilo*, sua estréia em disco.
4. Os ingleses **Spelt Like This**, com *Contract of the Heart*, um instrumental endereçado às pistas de dança.
5. A **Gang 90** com *Rosas e Tigres*, seu primeiro lançamento após a morte do fundador Júlio Barroso, um dos co-autores da faixa.

BIZZ

De alguns anos para cá, o mercado brasileiro passou por uma notável transformação.

O jovem passou a ter maior relevância no perfil do novo consumidor, também no interior.

Surge **BIZZ**!

O aumento expressivo do consumo de produtos para o jovem — jeans, tênis, motos, picape, áudio e vídeo, um universo infindável — correu paralelo a um aumento no público de shows e festivais, na vendagem de discos e ao surgimento e grande expansão de um novo fenômeno, o videoclip.

Surge **BIZZ**!

Se esta transformação pôde ser facilmente percebida, não se percebeu no mercado editorial o surgimento de uma publicação que se preocupasse em acompanhar o centro desta transformação, o jovem, e seu centro, a música entendida em seu sentido mais amplo — como seu ponto de referência, sua companheira, como trilha sonora de seu mundo.

A isto se propõe **BIZZ**. *A se transformar em veículo de informação de um público com nítida mas ainda não atendida necessidade de informação sobre o mundo musical. É sobre tudo que o cerca, o comportamento, o visual, a mudança.*

BIZZ, *como você vai ver nas páginas seguintes, é isto. Vitalidade, garra, informação. Nunca fora de sintonia.*

BIZZ, *para você divertir-se muito e estar sempre bem-informado a respeito da música popular mundial.*

Vitor Divieira

Foto Pedro Rubens

ÍNDICE

JUNHO 85

ESTE MÊS

12 **Baratos Afins**
A gravadora independente de SP está em crise > *Luiza de Oliveira*
14 **Mick Jagger**
Com mais de duas décadas nas costas, o guru sobe > *José Emilio Rondeau*
20 **Os Bem Cotados**
Gil, Milton e outros brasileiros com tudo no hemisfério Norte
24 **Rita Lee**
Uma entrevista exclusiva, após dois anos em silêncio > *José Augusto Lemos*
32 **Quiet Riot**
Banquete de barbeiro em SP > *Leopoldo Rey*
36 **John Fogerty**
Volta à toda à cabeça do Creedence Clearwater Revival
38 **Bienal de Paris**
Uma noite para o rock do Leste Europeu > *Silvano Michelino*
42 **The Firm**
Cobertura exclusiva do show da nova banda de Jimmy Page > *Marco Antonio Menezes*
45 **Duna**
O grande épico chega às telas em superprodução bombástica > *Orlando Fassoni*
50 **Olhar Eletrônico**
Uma produtora independente em cadeia nacional > *Sônia Maia*
65 **Ian Curtis**
Uma homenagem, cinco anos após sua morte

TODO MÊS

6 **Show Bizz**
Notas, notícias e boatos
10 **Roteiro**
Rio e São Paulo em junho
18 **Lançamentos**
Os últimos
26 **FM**
Com a palavra, Serginho Leite
28 **Porão**
Bandas novas furam a superfície
REM
Brujo / Cavalão
40 **Porão Internacional**
REM > *Marco Antonio Menezes*
Jesus and Mary Chain > *Pepe Escobar*
48 **Vídeo**
Uma garimpada no acervo dos videoclubes
52 **Clip**
Legião Urbana vai Olhar Eletrônico
56 **Letras**
U2
Phil Collins
58 **Discoteca Básica**
Só clássicos
60 **Meu Instrumento**
Herbert Vianna
62 **Equipamento**
De olho no mercado: áudio, vídeo e instrumentos
64 **Bits Bizz**
Informática
66 **Opinião**
Com a palavra, Roberto Medina

Foto de capa LFI

AS 25 MAIS — A partir do número 1, BIZZ incluirá uma parada de sucessos tirada de três fontes de pesquisa. Serão computadas as execuções em 200 rádios de todo o país, mais as vendas em lojas de discos e um levantamento feito diretamente com os leitores da revista. Será a primeira parada feita no Brasil digna de credibilidade, por sua abrangência representativa. Sua elaboração prevê ainda um boletim quinzenal, com "as 25 mais" e notícias do meio musical, para distribuição entre os programadores.

SERVIÇOS — Além de uma seção de cartas, BIZZ separou um canto generoso para dar aos leitores um canal de comunicação entre si. Quem quiser anunciar discos usados, caçar um baixista para sua banda ou pedir a discografia de seu grupo favorito — o que for — escreva para a gente. Caixa Postal 2372, São Paulo/SP.

SHOWBIZZ

Foto Divulgação

Dee Cyrio na capa

E O VENCEDOR É...

Pela terceira vez, personalidades do rock recebem seus prêmios da American Video Awards, por trabalhos em clip. Este ano a coisa ficou assim: vídeo pop para *Time After Time* de **Cyndi Lauper**, performance feminina para **Cyndi Lauper** em *Time After Time*, performance masculina para **Weird Al Yankovic** em *Eat It*, performance de grupo para **Huey Lewis and The News** em *Heart of Rock'n Roll*, vídeo soul para **Prince** em *When Doves Cry*, vídeo country para **Moe Bandy** e **Joe Stampley** em *Where's the Dress* e finalmente novo artista de vídeo para os metaleves **Wham!**, em *Wake me Up Before You Go Go*.

Foto LFI

Mark Knopfler e asseclas de disco novo

CONVIDADOS DOS STRAITS

É difícil não fazer um bom trabalho com músicos convidados como Michael e Randy Brecker, Tony Levin (King Crimson), Omar Hakim (Weather Report), Malcolm Duran (Average White Band) e Sting (Police). Todo este povo está no novo LP do Dire Straits, *Brothers in Arms*, lançado agora nos Estados Unidos.

Foto Mary Hammond / LFI

Quatro jovens promissores, cada um à sua maneira

BEATLES AUTOCENSURADOS

Primeiro jornalistas pândegos do **New Musical Express** espalharam e a grande imprensa britânica comprou. Julian Lennon iria gravar com os três Beatles remanescentes. Foi o maior furo logo desmentido. Mais recentemente os Beatles voltaram notícia de novo. A gravadora EMI teve de abarrotar seus pianos de lançar *Sessions*, com 13 músicas inéditas dos rapazes de Liverpool. Paul, George e Ringo não aprovaram. Se tivessem aprovado, o mundo teria não conhecer **Besame Mucho** (e aquela mesma) na voz de Paul. Ou ainda a versão acústica de *While my Guitar Gently Weeps* e uma versão do sucesso de 1959 *Leave my Kitten Alone*, de **Little Willie John**.

EMERSON, LAKE & POWELL

Mesmo com o sucesso estrondoso do **Emerson Lake & Palmer** nunca escondeu [illegible] Agora, [illegible] Powell, [illegible] Powell, [illegible] Keith Emerson e Greg Lake "trocaram" o talentoso Cozy Powell (ex-Whitesnake) para gravar o [illegible] LP deve [illegible]

Foto Carlos Prest

Greg Lake, Keith Emerson e Carl Palmer, o velho ELP

FUNCIONA SIM

A indústria nacional de equipamentos para sonorização de ambientes e realização de shows fará demonstrações de seus produtos de 12 a 16 deste mês no Sesc-Pompeia em São Paulo. É o Projeto Sonar, produzido por **Celso Nogueira** e pela produtora Raio X.

O objetivo é provar que os equipamentos nacionais também funcionam. Nos shows estarão entre outros **Arrigo Barnabé**, **Banda Metalurgia**, **Sossega Leão**, **Pau Brasil**, **Smack** e **Laura Finoklaro** (ver roteiro na página 10)

PEPEU GOES TO MONTREUX

No dia 13 passado **Pepeu Gomes** deu seu primeiro show após o Rock in Rio. Sem Baby, ele fez uma noite só que ficará para sempre na Fenda do Biquíni.

Pepeu foi no meio para dançarino do São Paulo e Dançaremos 40 em Sampa para fazer da cidade. A [illegible] que antes [illegible] ao som de B.B. King e Jimmy Page e depois com Tavinho Stein e Quem Ren, com [illegible] dos apetites de Pepeu [illegible]. Mesquita e Fernando, mais [illegible] Montreux-Jazz Festival, RAI.

DYLAN RENASCIDO. DE NOVO?

Bob Dylan, que há uns anos trocou seus incisivos comentários sócio-políticos por pregações do evangelho, parece ter renascido. Mais uma vez. Seu novo disco, batizado *Empire Burlesque*, foi produzido por **Arthur Baker** — que aperfeiçoou aquele som robusto e pesado das últimas remixagens de **Bruce Springsteen**, **David Bowie** e **Rolling Stones**.

Foto Sven Simon

Sua Excelência Robert Zimmerman, um imperador Russisco

Foto Terry Stuart, Curtis & Press

Dave Stewart e a cantora Annie Lennox: menos teclados, mais metais

EURYTHMICS A GRANEL

Enquanto no Brasil só aparece esta sendo a trilha sonora do filme *1984*, assinada pela dupla inglesa **Eurythmics**, lá fora eles já lançaram seu novo album, *Be Yourself Tonight*. Para quem já acompanha a carreira da dupla formada pela vocalista **Annie Lennox** e o guitarrista e tecladista **Dave Stewart**, muitas novidades — guitarras pesadas, metais e a participação especial de **Aretha Franklin** e **Elvis Costello**.

ENXURRADA INSTRUMENTAL

A partir de junho o país será inundado pela música instrumental. De 6 a 11 de agosto, o Teatro do Hotel Nacional, no Rio, abrigará o primeiro festival brasileiro de música instrumental, que incluirá apresentações de artistas como Egberto Gismonti, Hermeto Paschoal, Joel Nascimento, Uakti e, no lado internacional, Joe Pass, Toots Thielemans, Pat Metheny e Hubert Laws.

WHAM! A TODA

A dupla efeminoguerra **Wham!** não ficou contente em entrar para a história como a primeira banda de rock do mundo a tocar na China. Vai ser também a primeira banda ocidental a ter um disco fabricado e distribuído naquele país como resultado de um acordo entre Wham! CBS, Centro de Intercâmbio Cultural Chinês e a Yamagen, uma empresa de Hong Kong. A excursão chinesa vai estar nas telas do mundo a partir de setembro, num documentário dirigido por Lindsay Anderson (que já fez o memorável *If...* com Malcolm McDowell).

Foto Neal Preston / LFI

Andrew Ridgeley e George Michael: mais uma muralha milenar

SHOWBIZZ

Foto LFI

Pink Floyd: progressivo best seller

AO TILINTAR DAS REGISTRADORAS

Foi lançado em 1973, há mais de 570 semanas. Mas continua na lista dos 200 albuns mais vendidos da revista americana *Billboard*. E o *Dark Side of the Moon*, do extinto **Pink Floyd** (ver discoteca básica na pag. 58). Se *Thriller*, de **Michael Jackson**, que sobrevive bem na parada, tentasse obter o mesmo feito, teria que se segurar até 1993.

Foto LFI

As Cabeças, da esquerda: David Byrne, Jerry Harrison, Tina Weymouth e Chris Frantz

HEADS NA BOCA DO FORNO

Sai no dia 26 de junho no Brasil *Little Creatures*, novo LP do **Talking Heads**. Há indicações de que as músicas estão mais na linha do começo de carreira da banda que na vertente afro-funk adotada depois. O disco sai aqui onze dias depois do lançamento americano. Mas inexplicavelmente ainda não assistimos a *Stop Making Sense*, filme com a banda concebido por **David Byrne** e dirigido por **Jonathan Demme**.

O mesmo Demme, aliás, vai dirigir o clip do primeiro compacto do **New Order** lançado nos Estados Unidos, *Perfect Kiss*.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

As gravadoras já estão ocupando estúdios para os lançamentos nacionais de julho e agosto. Aqui vão alguns deles.

• A Continental vem com o grupo paulista **Sossega Leão**. A banda, depois de passar dois anos fazendo shows e animando bailes com os sons do Caribe, decidiu gravar seu primeiro LP que trará músicas antigas e composições inéditas do próprio grupo.

Barão e Dusek (abaixo) vêm aí

• Já a Polygram prepara o quarto LP de **Dusek**, mais **Erasmo Carlos** e *Todas*, novo disco de **Marina** (que tem, na música título, uma paródia da cantora com Antônio Cícero e Nico Rezende).

• A RCA trabalha seu mais recente contratado: **Tim Maia**. O disco vem com músicas novas e a regravação de *Leva*.

• A WEA, que andou agitada com **Ultraje a Rigor**, **Ira!** e **Titãs**, está preparando o próximo disco do **Kid Abelha** e o novo LP de **Lulu Santos**. Normal, com estúdios marcados no Rio e em Nova York. A gravadora também está trabalhando com músicos que eram, agora, sua carreira solo. Em julho, sairá com os compactos de **Zé Luiz**, que toca sax na Banda Nova, de Caetano Veloso, e **Celso Fonseca**, guitarrista do Gil.

• A Som Livre promete um novo disco do **Barão Vermelho** para setembro ou outubro. A gravação começa em julho.

Foto Joel Maia Alvo

GUITARRAS NAS TRILHAS

Tem cada vez mais músico de rock fazendo trilha sonora. David Bowie juntou-se a Pat Metheny para fazer *This is not America*, do filme *The Falcon and The Snowman*. E o mesmo Metheny associa-se agora ao ex-Beatle Paul McCartney na elaboração da trilha de *Twice in a Lifetime*, estrelado por Gene Hackman e Ann-Margret.

O Duran Duran também entrou nessa, fazendo uma música para um filme de James Bond. Os simpáticos gatinhos entram assim num rol de compositores para 007 que inclui Paul McCartney, Carly Simon, Rita Coolidge, Sheena Easton e Shirley Bassey. A música se chama, como o filme, *A View to Kill*. E a nova aventura é estrelada por Roger Moore e a chiquérrima Grace Jones.

Foto Sgt Pimb

Foto LFI

Os Duranies e mestre Bowie, duas gerações compondo para o cinema

O CLASH DE VOLTA

Quem estava com saudades do **Clash** pode começar a esfregar as mãozinhas. Sai em maio o sétimo álbum da banda, ainda sem título. É o primeiro disco do Clash sem o guitarrista **Mick Jones**, que foi sumariamente demitido em 1983. Também em maio será lançado *The Bottom Line*, primeiro compacto da nova banda de Jones, ainda não batizada.

GATUNOS ROQUEIROS

Se você se encontrar por aí com uma guitarra Ibanez Roadstar Sunburst vagando pelas ruas, pode telefonar para o **Lobão**. É que esta guitarra foi roubada na casa dele, por dois pivetes armados. Nem as visitas escaparam do saque — os ladrões fugiram no carro de **Cazuza**, do **Barão Vermelho**.

PODIA SE CHAMAR THE STEVES

Mas se chama **GTR** (abreviatura de guitarra). É a banda encabeçada por dois Steves: Howe (ex-Yes e Asia) e Hackett (ex-Genesis). O primeiro álbum deve sair em breve. Se os dois mantiverem o pique antigo — o que parece não ter acontecido com Jimmy Page e seu Firm (ver matéria nesta edição) — o resultado poderá ser fantástico.

Foto Claudia Dantas

Regina Casé, a guerrilheira

BREVE NAS TELAS

A irrequieta atriz **Regina Casé**, **Lobão** e os **Titãs** vão estar juntos no filme *Areias Escaldantes*, que tem estréia marcada para julho. O filme, dirigido por Chico de Paula, conta a história de um grupo terrorista. Regina é guerrilheira. Lobão um sargento durão. No meio de tudo, um clip de *Massacre*, som punk do novo LP dos Titãs.

Foto Cali

Num canto, Paula Toller. No outro, Léo Jaime (ele também usa óculos)

NORDESTE JÁ!

Já está à venda nas mais de duas mil agências da Caixa Econômica Federal o compacto da campanha *Nordeste Já*, destinado a arrecadar fundos para a população carente daquela região do país. O disco será vendido a Cr$ 10 mil e é resultado de um mutirão do qual participaram mais de 120 artistas, entre eles **Gilberto Gil**, **Tom Jobim**, **Rita Lee**, **Chico Buarque**, **Sandra Sá**, **Paula Toller** e **Léo Jaime**.

SHOW

SÃO PAULO

Zaire Afro Bangue Sala Guiomar Novaes, al. Nothman, 158 (826-3936). Música, dança afro. 12 a 15, 21h. 16, 20h.
Jean e Paulo Garfunkel Sala Guiomar Novaes, al. Nothman, 158 (826-3936). 26 a 29, 21h. 30, 20h.
Roberto Sion e Laércio de Freitas Café Piu-Piu, r. 13 de Maio, 134 (258-8066). Sax, flauta e piano. Domingos, 21h30.
Quarteto Irreverente Café Piu-Piu, r. 13 de Maio, 134 (258-8066). Jazz. Quintas, 21h30.
Tom Zé Lira Paulistana, r. Teodoro Sampaio, 1091 (883-3088). 12 a 16 e 19 a 23, 21h.
Os Inflamáveis Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 6, 24h.
Os Incontroláveis Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 7, 24h.
Mig 19 Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 13, 24h.
UTI Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 14, 24h.
Voga Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). 21 e 22, 24h.
Conexão Urbana Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). Intercâmbio entre SP e RJ envolvendo bandas, performances e teatro. 24 a 30, 24h.
Cabaré Satã Estação Madame Satã, r. Conselheiro Ramalho, 873 (285-6754). Hector Gonzalez (baixo) e Graciela Di Leonardis (teclado) apresentam música ambiental. Segundas, 24h.
Intelligence Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). Banda heavy metal que estará lançando seu disco no Brasil. 1 e 2, 24h.
Lobão e Os Ronaldos Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). 14, 24h.
Pau Brasil Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). 15, 24h.
Metrô Rádio Clube, r. Pedroso de Moraes, 1036 (814-7383). 28, 24h.
Língua de Trapo Teatro do Sesc-Fábrica da Pompéia (864-8544), r. Clélia, 93. Lançamento do LP Como É Bom Ser Punk. 19 a 30, 21h.
Zé Eduardo Nazário & Grupo Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Música instrumental. 1, 21h.
Paulo Gori Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de piano. 2, 11h.
Alex Sandra Grossi Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Concerto do meio-dia: "A vida dos instrumentistas" ao piano. 5, 12h30.
Miha Pogacnik (EUA) e **Einar Noekleberg** (Noruega). Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de violino e piano. 5, 21h.
Christian Benda e **Sebastian Benda** Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de cello e piano. 6, 21h.
Trio Brasileiro Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Concerto. 8, 21h.
Orquestra de Câmara "L'Estro Armônico" Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Regência de Eleazar de Carvalho. 9, 21h.
Bocato & Banda Bloco Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Show, música instrumental. 15, 21h.
Sueli Bispo Sledn Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de piano. 17, 21h.
Marcelo Fernandes Dias Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de violino. 1, 17h.
Ilka Machado e **Angela Muner** Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1578 (251-5644). Recital de canto e piano. 15, 17h.
Opeste Rock in Concert Aramaçã Clube, r. São Pedro, 345, Santo André. 6 horas de som com Lobão, Metrô, Tchau, Kid Abelha, Joe, RPM. 1, 19h.
Pool FM Estacionamento Shopping Center Eldorado, av. Rebouças, 3970. Show com Biafra, Analfa, Ira, Telex, RPM. 16, 11h.
Projeto Sonar Teatro do Sesc-Fábrica da Pompéia, r. Clélia, 93 (864-8544). Semana de música paulista: dia 12 *Teté Espindola* e *Bonde Metalúrgico*; dia 13 *Marlui Miranda* e *Grupo Pau Brasil*; dia 14 *Jean e Paulo Garfunkel* e *Sossego Leão*; dia 15 *Cido Moreira* e *Arrigo Barnabé*; dia 16 *Smack* e *Louro Finokioro*. Sempre às 21h.

RIO DE JANEIRO

Enrico Rava Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769. Concerto de trompete. 31/5 e 1/6, 22h45.
Marcos Ariel e Grupo Usina - Música Instrumental Brasileira Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769, 13, 14, 15, 22h45.
Naná Vasconcelos Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769, 25, 22h45.
Beto Saroldi e Banda Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769, 26, 22h45.
Nivaldo Ornellas e Nico Assunção Jazzmania, r. Rainha Elizabeth, 769, 27, 28 e 29, 22h45.
Geraldinho Azevedo Circo Voador, Arco da Lapa, Centro, 7 e 8, 24h.
Moraes Moreira e **Armandinho** Circo Voador, Arco da Lapa, Centro, 14 e 15, 24h.
Xangai Circo Voador, Arco da Lapa, Centro, 21 e 22, 24h.
Lula e Lenine Circo Voador, Arco da Lapa, Centro, 29, 24h.
Legião Urbana Metrópolis, Estrada do Joa, 150, São Conrado, 30, 31/5 e 1/6, 24h.
Beijo na Boca e **Flash** Metrópolis, Estrada do Joa, 150, São Conrado, 2/6, 1 h.
Herva Doce Noites Cariocas, av. Pasteur, 520, 31/5 e 1/6, 1h.

VIDEOCLUBES E SALAS DE PROJEÇÃO

SÃO PAULO

Carbono 14
R. 13 de maio, 363 (34-7591)
Joy Division *Here Are the Young Men*.
20h30 e 22h, dias 7, 8 e 9.
Bauhaus *Shadow of Light e Archive*.
20h30 e 22h, dias 21, 22 e 23.
Echo and the Bunnymen *Porcupine* (último vídeo do grupo — pirata) e *Picture on My Wall*.
20h30 e 22h, dias 14, 15 e 16.
Ao vivo no Royal Albert Hall (1984) e reprise do *Porcupine*.
20h30 e 22h, dias 28, 29 e 30.
Festival de Bayreuth - 4 Óperas de Wagner Seqüência O Anel dos Nibelungos: O Ouro do Reno, As Walkyrias, Sigfried e Crepúsculo dos Deuses. *Produção* e *Direção*: Patrice Chereau. *Regência*: Pierre Boulez.
20h, toda quarta-feira deste mês.

Livraria Neon
Praça Benedito Calixto, 16 (883-0633)
Programação de vídeos de rock, novidades underground e vídeos brasileiros.
20 e 22h, sextas e sábados.

Centro Cultural
Rua Vergueiro, 1000 (270-5746)
Rancho Noturno Fritz Lang.
24h, dias 13, 14 e 15.
A Herança do Serramonti Mauro Bolognini.
24h, dias 21 e 22.
Otelo Sergei Yutkezich.
24h, dias 24 e 25.
Hamlet Grigori Koinkozint.
19h, dias 28, 29 e 30.

Museu de Arte de São Paulo
Av. Paulista, 1578 (251-5644)
Ciclo de filmes **Alexander Kluge**.
16h, dia 23.
A Alma do Brasil A. Wulfes e L. Luxardo (1932).
21h, dia 10.

Museu Lasar Segall
Rua Afonso Celso, 362 (572-8211)
Gordos e Magros Mário Carneiro.
16, 18 e 20h, dia 1. 15h, 17h, dia 2.
Um Anjo Azul Josef von Sternberg.
20h, dia 7, 16, 18 e 20h, dia 8, 15 e 17h, dia 9.
Tabu Murnal e **Tabu** Julio Bressane. Sessões intercaladas.
20h, dia 14, 16, 18 e 20h, dia 15, 15 e 17h dia 16.
Solaris Alexis Tarkovsky.
20h, dia 21, 16, 18 e 20h, dia 22, 15 e 17h, dia 23.
Fome de Viver Tony Scott.
20h, dia 28, 16, 18 e 20h, dia 29, 15 e 17h, dia 30.

Instituto Goethe
R. Lisboa, 974 (280-4288)
Ciclo de documentários alemães sobre a vida do trabalhador na RFA.
A Quarta Geração Christoth Huebner e Theo Janssen. Legendas em espanhol. 20h, dia 11.
Agência de Correios 2 Christian Gerhards e Genot Steinweg. Legendas em espanhol.
20h, dia 11.
Duisburg - 480 Toneladas até 15 para as 10 Rainer Komers e Ralf Kurdach. Legendas em espanhol.
20h, dia 11.
A Colheita da Madeira Enzio Edschmid. Legendas em espanhol.
20h, dia 12.
365 Dias no Ano Dietrich Schubert. Legendas em espanhol.
20h, dia 12.
Associação de História Enzio Edschmid. Legendas em espanhol.
20h, dia 18.
História da Vida do Mineiro Alfons S. Christoth Huebner e Gabriele Voss. Legendas em espanhol.
20h, dia 19.
Floez Dickebank - Entretanto Despertamos Johanes Fluetsch, Klaus Helle e Marlis Kallweit. Legendas em espanhol.
20h, dia 19.
Eintracht Borbeck Susanne Beyeler, Painer Marz e Manfred Stelzer. Legendas em espanhol.
20h, dia 19.
Willi Bleicher Hames Karnick e Volfgang Richter. Legendas em espanhol.
20h, dia 25.
Sindicatos Dublado em português.
20h, dia 26.
Como Vive o Operário Sealam Dudov. Mudo.
20h, dia 26.
Kuhle Wampes Slalam Dudov e Bertold Brecht. Legendas em espanhol.
20h, dia 26.

Cineclube GV
Av. Nove de Julho, 429
Corações e Mentes Peter Davis.
16, 18, 20 e 22h, dias 1 e 2.
Apocalypse Now Francis Coppola.
16, 18, 20 e 22h, dias 6, 7, 8 e 9.

Cinesesc
R. Augusta, 2075 (282-0213)
Janela Indiscreta (Alfred Hitchcock, EUA, 1954) James Stewart e Grace Kelly.
13h30, 15h40, 17h50, 20 e 22h10. 31 de maio e 1 de junho.
Vitor ou Vitória? (Blake Edwards, EUA, 1983) Julie Andrews, Robert Preston e James Garner.
14, 16h30, 19h, 21h30, 2 e 3 de junho.
Amarcord (Federico Fellini, Itália, 1974) Magali Noel e Bruno Zanin.
13h30, 15h40, 17h50, 20h e 22h10. 6 e 7 de junho.
Encontro Marcado em Veneza (Franco Brussatti, Itália, 1979) Erland Josephson, Mariangela Melato, Davi Pontremolli e Hella Petri.
14, 16, 18, 20 e 22h, 8 e 9 de junho.
Feios, Sujos e Malvados (Ettore Scola, Itália, 1981) Nino Manfredi.
14, 16h30, 19h e 21h30, 10 e 11 de junho.
Fome de Viver (Tony Scott, Inglaterra, 1983) Catherine Deneuve, David Bowie e Susan Sarandon.
14, 16, 18, 20 e 22h, 12 e 13 de junho.
Sessão Cinemateca
A Grande Ilusão (Jean Renoir, França, 1937) Jean Gabin, Eric von Stroheim, Pierre Fresnay e Marcel Dalio.
11h30, 1 de junho.
Verdades e Mentiras (Orson Welles, França, Irã e Alemanha Ocidental, 1973) Orson Welles, Joseph Cotten, Howard Hughes, Peter Bogdanovich, François Reichenbach, Oja Kodar.
11h30, 8 de junho.
A Regra do Jogo (Jean Renoir, França, 1939) Marcel Dalio, Nora Gregor, Jean Renoir.
11h30, 15 de junho.
Música e Fantasia (Bruno Bozzetto, Itália, 1976).
11h30, 22 de junho. Reprise na Sessão Zig-Zag, dia 23.
Napoléon (Abel Gance, França, 1927) Antonin Artaud, Alberto Dieudonné, Harry Krimer.
11h30, 29 de junho.

RIO DE JANEIRO

Museu da Imagem e do Som
Praça Rui Barbosa, 1, Praça XV
Ciclo de Cinema Alemão no MIS
Malu Regina Ziegler.
18h30, 11 de junho.
La Ferdinanda Rebecca Horn.
20h30, 11 de junho.
Os Cinco Últimos Dias Percy Adlon.
18h30, 12 de junho.
O Relatório de Willy Bush Niklaus Schiling.
18h30, 13 de junho.
O Tambor Volker Schlondorff.
18h30, 14 de junho.
Roleta Chinesa Rainer Werner Fassbinder. Inédito.
18h30, 18 de junho.
1 + 1 = 3 Heidi Gene.
20h30, 18 de junho.
Celeste Percy Adlon.
18h30, 19 de junho.
Berlim Praça Chamisso Rudolf Thome.
18h30, 20 de junho.
Kamikaze 1989 Wolf Gremm.
18h30, 21 de junho.
The Compleat Beatles Documentário sobre a carreira dos Beatles.
21h, 7 de junho. 17h e 18h, 8.
Jimi Plays Berkeley Show de Jimi Hendrix no Berkeley Community Theatre.
21h, 13 e 14 de junho. 17h e 18h, 15.
Gimme Shelter Documentário sobre a turnê norte-americana que os Stones fizeram em 1969.
21h, 20 e 21 de junho. 17h e 18 h, 22.
The Kids Are Alright Documentário sobre a carreira do Who.
18h30, 27 e 28 de junho. 17h e 18h, 29.
Quadrophenia Ópera-rock baseada no disco homônimo do Who.
21h, 27 e 28 de junho. 18 h, 29.
Dave Brubeck ao vivo no Japão. Participação de Jaco Pastorius.
18h30, 7 de junho.

RÁDIO

SÃO PAULO

FM 97 97.7
Visual Esportivo Dicas de surf, vôo livre e skate. Música punk (importados e nacionais).
18 às 19h, sextas.
Sunshine Especial Rock, pop internacional e nacional.
21 às 22h, sábados.
Especiais Grupos nacionais e internacionais. Um por programa.
24 às 2h, sábados.
Sessão Rocambole Só heavy metal.
15 às 16h, domingos.
Flash Comper Músicas flashbacks nacional e internacional.
24 às 2h, domingos.

USP FM 93.7
Rádio Matraca Produção Língua de Trapo.
15h, sábados.
Concerto de Rock
16h, sábado.
Quase Lindo Produção Vandi e Bia-fra do Premeditando o Breque.
17h, sábados.
Não Tranca que lá Vem Alavanca Humor produzido por Irmãos Bambulha.
17h30, sábados.
Sinergia Música progressiva instrumental.
18h, sábados.
Anos 60 - A Década Explosiva Panorama cultural no Brasil e no mundo.
19h, sábados.
Espaço Alternativo Entrevistas e gravações com músicos independentes.
21h, sextas.
Radioatividade Especiais: **Black Music**, 19h, dia 1. **Intérpretes da MPB**, 18h, dia 5. **Canções Românticas**, 19h, dia 8. **Jovem Guarda**, 19h, dia 8. **Jazz II**, 19h, dia 15. **Rock Experimental**, 18h, dia 19. **Bossa Nova** ao vivo, 19h, dia 22. **Black Music**, 18h, dia 26. **Blues**, 19h, dia 29.

Gazeta FM 88.0
Rock 1, 17h, sábados e **Rock 2**, 19h, sábados. Painel das 3 décadas do rock.
Selo Vermelho Discos raros.
19h, domingos.

Transamérica 110.0
Reprise Programa de flashback nacional e internacional.
22 às 2h, domingo à quinta-feira.
Top Dancing Programa de músicas dançáveis nacionais e internacionais, baseado na revista Billboard.
22 às 24h, sexta-feiras.
Este Som Eu Quero Um artista convidado faz a programação de sua preferência.
18 às 19h, sábados.
Grandes Nomes da Música Pop Especial sobre determinado artista de sucesso.
18 às 19h, domingos.

Pool FM 89.1
Estúdio 89 Cada noite um disc-jockey faz a programação com ritmos dançantes.
22 às 23h, segunda a sexta.
Rock Programado por Marquinhos e Magal do Madame Satã.
22h30 às 23h, terças.
Também com Gabriel, ex-programador da Pool Music Hall.
22h30 às 23h, terças.

Cultura AM 1.200
Rock Expresso 16h, sábados.
Matéria-Prima Entrevistas, música, variedades.
13h30 às 15h30, segunda a sexta.

Cultura FM 103.3
Rock Expresso.
19h, sábados.

Antena 1 94.7
Blue Moon Programado por Fernando Naporano, crítico da *Folha de S. Paulo*.
24 às 2h, sábados.
New Beat Programado por Kid Vinil.
17h, domingos.

RIO DE JANEIRO

Fluminense FM 94.9
Rock Alive Programado por Maurício Valadares (Parada Inglesa, lançamentos mais vanguardistas), Paulo Sisino (rock pauleira), Liliane Yusin (funk).
22 às 23h, diariamente, exceto terças.
O Assunto é Jazz Bem tradicional, produzido por Luis Carlos Antunes.
22h, terças.
Pelos Poros do Rock Entrevistas e especiais. 18h, sábados.
Espaço Aberto Exclusivamente música brasileira, produzido por Alex Mariano.
19h, todos os dias.
Guitarras Produzido por Paulo Sisino dando preferência ao heavy metal.
13h, sábados e domingos.
Chiclete com Banana Mistura de reggae, country e sons suaves.
6h, todos os dias.
Blues Programa novo que estreará este mês.
18h, domingos.

Rádio Cidade 102.9
Música Contemporânea Produzido por Alberto Carlos de Carvalho e Monika Venerabile.
13h, segunda a sábado.

SÃO PAULO, Grandes Galerias. Você entra ou pela av. São João, 439, ou pela r. 24 de maio, 62. Uma verdadeira colméia de lojinhas carregadas de bugigangas made in Hong Kong, pedras semipreciosas, equipamento para silk screen, cabeleireiros especializados em corte black power e trancinhas afro.

O mais importante é que, uma vez lá dentro, se você quiser, pode passar horas escolhendo discos e participando de fervorosos debates sobre a história do rock'n'roll.

BARATOS AFINS

Uma gravadora independente ameaçada. *Luisa de Oliveira* faz o diagnóstico

Em plena galeria, a Baratos em pessoa entre representantes de grupos de seu catálogo. De baixo para cima: Luiz Antonio (Chave do Sol), Luiz Calanca, Helcio Aguirra (Harppia), Robson Goulart (Performance's) e Sérgio Santana (Patrulha do Espaço).

Este santuário do consumismo esconde várias lojas de discos que, pela abrangência de seu estoque, transformaram a galeria em um dos mais tradicionais pontos de encontro dos roqueiros da cidade.

Dessas lojas, uma não se contentou com os discos oferecidos pelo mercado e resolveu criar seu próprio selo. Por isso, atenção: você pode entrar numa loja e estar ao mesmo tempo dentro de uma gravadora independente.

Iniciativa das mais corajosas, num circuito quase que totalmente ocupado pelos grandes selos internacionais, a Baratos Afins já registra em seu catálogo uma série de momentos históricos do rock brasileiro. E tem mais: constitui hoje a única trincheira fonográfica das novas bandas paulistanas, que podem ainda desfrutar do luxo de fazer seu disco com sua própria concepção de produção em estúdio.

Mas essa garra e heroísmo estão ameaçados. Por problemas financeiros e empresariais, a Baratos vem sofrendo sua maior crise.

Refúgio defensor

Luiz Carlos Calanca, cheio da onda da *discothèque*, resolveu em 1978 abrir uma loja de discos para pessoas que se sentissem no mesmo barco. O sucesso foi instantâneo, reforçado pelo mítico status adquirido pela loja, o de "refúgio defensor do rock".

Três anos depois, com a loja já ampliada e concorrentes seguindo o mesmo molde, Luiz decidiu atacar também na produção de discos. Uma decisão desencadeada por sua experiência com discos usados. Sabia que "raridades" fora de catálogo eram disputadas a tapa nos sebos da cidade. Mutantes e Arnaldo Baptista na cabeça.

"Uma obra-prima do rock nacional". Luiz refere-se a *Loki?* primeiro disco solo de Arnaldo. Ele não está sozinho em seu veredito. Disco originalmente lançado pela Polygram em 74, teve relançamento atrasado por problemas com essa gravadora. Luiz acabou soltando antes, em produção própria, *Singin' Alone*, também do ex-Mutante.

As exigências legais necessárias — abertura de uma firma e criação de um selo — fizeram Luiz assumir a aventura. Em novembro de 82, a Baratos tinha em suas prateleiras o grupo Patrulha do Espaço, um reduto do hard rock. Um ano depois o catálogo engordava. Ganhava o relançamento de *Mutantes e seus Cometas no País dos Baurets* (Polygram, 72) e a estréia da banda Muito Quente.

"É um compromisso. O pessoal tá todo aí e precisa de uma força que as gravadoras não dão", afirma Luiz. Hoje, a nova geração do rock paulista constitui o grosso de seu catálogo. Uma salta variada, num espectro que vai do rockabilly ao heavy metal. A coletânea *SP Metal* — que reúne as bandas Virus, Avenger, Salário Mínimo e Centúrias — é o best-seller do selo, com três mil cópias vendidas e uma nova tiragem a caminho.

A Baratos Afins editou também o primeiro LP brasileiro literalmente feito em casa. *Toral Toral Toral* da hilariante Esquadrilha da Fumaça. Inteirinho gravado em um cassete de quatro canais, em um apartamento improvisado como estúdio, o disco só custou a Luiz a prensagem.

Problemas de circulação

Cada lançamento tem normalmente uma tiragem de três mil cópias, prensadas de acordo com a saída, "por falta de espaço para guardar". A partir daí, a Baratos esbarra em seus grandes problemas: distribuição e divulgação.

Segundo Luiz, a venda é feita para lojas no estilo da Baratos. "Antes a gente levava nas lojas e nas rádios, mas já sofremos muita humilhação. Não apóiam, jogam num canto e não ouvem."

Este ano, Luiz pretendia separar a loja do selo e ampliar seu catálogo. Além de vários lançamentos, a reedição de outro clássico do underground nativo, *Para Iluminar a Cidade* de Jorge Mautner (Polygram, 72). Estes discos vão sair, mas talvez sejam os últimos. A Baratos está "paralisada".

Sem grana não dá

Partindo do pressuposto que um disco só começa a dar lucro a partir das primeiras três mil cópias vendidas, só mesmo o *SP Metal* valeu o investimento. Tanto que vem aí o *SP Metal II*, com mais quatro bandas: Abutre, Korsus, Performance's e Santuários. Isso com uma primeira tiragem de cinco mil cópias.

Nenhum mistério. Heavy metal vende mesmo, apesar de muita gente só ter descoberto isso agora. E o resto do catálogo da Baratos Afins, um total de dezenove discos que, daqui a alguns meses, será aumentado para vinte e três?

Dois dos grupos lançados por Luiz, o Smack e os Voluntários da Pátria — ambos sintonizados com o soturno porém elegante minimalismo pós-punk — tiveram pelo menos sucesso de crítica. São reconhecidos como pontas-de-lança do novo rock brasileiro, para não tocar na palavra "vanguarda".

É aí que entra o problema da divulgação e da distribuição. Centralizada na figura quixotesca de Luiz, a Baratos com certeza se ressente de uma estrutura empresarial. Que ele não sabe se virá.

— Preciso dar uma parada, pensar bem. Estou muito confuso, de bode mesmo. Ou a Baratos pára, ou reestruturamos tudo... não sei.

Foto: Rui Mendes

Smack, na linha de frente do rock paulista — de cima para baixo: Pengo (guitarra, vocal), Sandra (baixo, vocal), Thomas (bateria, vocal). Por que eles não venderam mais?

A PEDRA QUE ROLA SOZINHA

Mick Jagger resolveu tirar férias dos Rolling Stones. Depois de duas décadas à frente da mesma banda, ele gravou seu primeiro disco solo. De quebra, filmou um clip gigante. *José Emilio Rondeau* conta como foi

Imagine que você é pedra. Ou melhor, pedra fundamental de um dos principais alicerces de toda a cronologia pop-rock do planeta. Imagine que você, junto com quatro outros comparsas de infância/adolescência, criou uma identidade musical que acabaria apelidada de "a maior banda de rock and roll do mundo" (com direito a exclamação e tudo mais). Imagine que você é a epítome, a quintessência do rock. Imagine que você é o astro vivo mais fotografado do mundo. Imagine que você se chama Mick Jagger.

Quarenta e um anos, uma discografia vastamente esparramada entre o transcendental e o preguiçoso, a voz mais famosa do rock (e a mais imitada), uma carreira tão prolífica quanto controversa — pilhas de processos variados, que vão de pornografia e difamação a paternidade não assumida. Uma fortuna pessoal acumulada ao longo de tumês milionários, um pezinho relutante no mundo do cinema, três filhas (duas adolescentes e uma bebê) e, logo quando tudo parecia monótono de tão fácil, sem desafios, a súbita opção de gravar um álbum solo.

O que é que você faz então, Mick Jagger, você, dos lábios de borracha? Deita-se na cama e manda a fama garimpar no estúdio um álbunzinho mais ou menos, do tipo "um hit sólido para tocar no rádio rodeado de encheção de linguiça por todos os lados"? Grava um disco de clássicos do blues, daqueles que fizeram sua cabeça antes de existirem uns tais Rolling Stones? Ou arregaça as mangas, contrata um produtor "mão-de-ferro" para coibir sua auto-indulgência, convida um naipe estelar de músicos, compõe canções à vera, ajuda a criar um enorme videoclip e, ainda por cima, gerencia as finanças de toda esta operação, fazendo valer seus conhecimentos adquiridos na London School of Economics?

Pois bem, você *não é* Mick Jagger (embora pelo menos metade da população roqueira da Terra sonhe sê-lo). Este cidadão já existe e tomou as decisões cabíveis. E optou pela alternativa 3 — após mais de duas décadas como o quinto mais famoso dos Rolling Stones, Jagger gravou *She's the Boss*, um disco que decerto não mudará o curso da História, mas que mesmo assim é delicioso e imperdível por apresentar ao mundo um Jagger revigorado, sintonizado com o mundo contemporâneo, em forma e disposto a provar que ainda sabe fazer bem o que melhor faz: rock e rhythm'n' blues.

Tudo começou em 1982, quando, após uma associação de dez anos com a Atlantic Records, os Rolling Stones resolveram entregar a distribuição de seus discos à Columbia (CBS). O novo contrato estabelecia que, a partir dali, os Stones deviam quatro álbuns à nova gravadora — como grupo — mais dois outros, a serem providenciados por Jagger, *solito*. O contrato antigo, com a Atlantic, foi encerrado com o álbum *Undercover* e, desde então, não mais se ouviu falar dos Stones. Ou de Jagger.

"Continuar fazendo discos e mais discos dos Stones não me parecia um desafio tão especial assim. Hoje os Stones são como uma verdadeira instituição."

Até que, no ano passado, começaram a pingar daqui e de lá notinhas telegráficas que davam conta de que Jagger estava trancafiado nos estúdios Compass Point, nas Bahamas, com os produtores Bill Laswell (conhecido por seu trabalho com Nona Hendryx, Herbie Hancock e com seu próprio grupo, o Material) e Nile Rodgers (leia-se *Let's Dance* de David Bowie, todos os discos do grupo que ajudou a fundar, o Chic, e três faixas do novo álbum de Jeff Beck). Notinhas mais tarde, soube-se que nenhum dos outros stones compareceria às gravações, cedendo a vez a músicos como a dupla jamaicana Robbie Shakespeare (baixo) e Sly Dunbar (bateria), mais Herbie Hancock, Bernard Edwards, Jan Hammer, Pete Townshend e Jeff Beck.

Em novembro passado, a coisa começou a ficar mais clara — pelo menos para nós, brasileiros — quando Jagger desembarcou no Rio com o diretor Julian Temple para rodar o clip do disco — na verdade, um superclipão de duração prevista entre 45 minutos e uma hora, envolvendo todas as músicas do álbum, muitas como trilha incidental. O *cast* seria basicamente brasileiro, à exceção de dois papéis principais — uma namoradinha do herói da fita, encarnada por Rae Dawn Chong, e um diretor de clips, vivido por Dennis Hopper — e um papel secundário, de astro de rock, confiado ao brasinglês Ritchie.

Naturalmente, a essa altura a indústria fonográfica e a imprensa musical fervilhavam de tanta expectativa — será que Jagger dará com os burros n'água? (tradução: "terá ele feito um disco tolinho e inexpressivo?"). Será esse, enfim, o canto de cisne dos Stones? Os rumores passeavam livremente porque o mais interessado no assunto — Jagger — estava de bico calado. Até que Jagger resolveu falar.

A *Record* Jagger foi sucinto. Garantiu que os Stones ainda têm muita estrada pela frente — estão mixando seu novo álbum e vão lançá-lo em agosto com uma tumê mundial (ouvi alguém falar em Brasil?). O disco solo, na verdade, serviu como uma injeção de ânimo na fórmula de trabalho dos Stones. "Acho que eu queria quebrar um padrão", disse Jagger. "Continuar fazendo apenas discos e mais discos dos Stones não me parecia um desafio tão especial assim. Não que eu deixe de me divertir com os Stones, mas a coisa estava ficando segura demais, porque eles são uma verdadeira instituição."

O primeiro passo em direção à quebra de padrão foi a própria ausência de stones e o empréstimo de auxílio externo. Só há uma parceria com Keith Richards no disco inteiro (*Lonely at the Top*) e, pela primeira vez, Jagger co-assina uma música com um não-stone. Carlos Alomar, antigo adido de um antigo rival de Mick, David Bowie (*Lucky in Love* e a faixa-título).

"Uma das primeiras coisas que Bill Laswell tentou me vender foi a idéia de usar músicos que tivessem personalidade", explicou Jagger à *Record*. "Se os músicos não tiverem personalidade própria, acabam impedindo que o *disco* tenha uma personalidade". Mas existe o outro lado da moeda — que personalidade resistiria à de Jagger, um exigente leonino cujos famosos atributos não incluem a modéstia? "Existem músicos que, gozado, sentem-se intimidados", contou Jagger à revista *Musician*. "Geralmente os mais jovens. Mas tentei ser o mais amigá-

vel possível para evitar isso. Existem muitos artistas que chegam ao estúdio, dão uma olhadinha para ver como vão as coisas, vão embora e só voltam bem mais tarde para colocar os vocais. Eu não, eu falo com as pessoas, reparto uma bebida antes de começar a trabalhar, justamente para que eles possam perder a timidez inicial ou qualquer tipo de preconceito."

E Jagger — autodenominado "artista branco de rock" — sentiu-se intimidado pelos músicos que o auxiliaram em *She's the Boss*? A maioria deles são o que se convencionou chamar "gigantes do jazz". "Possivelmente eles intimidam", confessou Jagger, "mas quando concordam em fazer alguma coisa são bastante cooperativos. E dão duro. E são rápidos. E conseguem *mudar*. O que ocorre com os músicos de rock é que eles não dominam tantos estilos assim. Geralmente eles estão presos a um ou dois estilos. Ao passo que se você chegar para um músico como Herbie Hancock e disser 'esse traseado aí não está bom', ele não ficará ofendido. Ele é capaz de inventar outros cem traseados. Um músico de rock não tem essa facilidade."

She's the Boss está repleto de "coisas novas". O primeiro sentimento que o disco inspira é de estranheza: basicamente a de ouvir a voz tão familiar de Jagger, tão imediatamente associável àquele tantão de sujeira técnica dos Stones, desta vez cercada de sons perfeitos, precisos. É impossível não achar que falta aquela sensação de precipício que os Stones sabem criar, a sensação de que aquela massa sonora está descontrolada, prestes a desabar a qualquer momento.

"De maneira alguma esse disco teria a cara dos Stones", concorda Jagger. "Eu poderia ter feito uma cópia bem vagabunda, mas estaria sendo estúpido demais. Muitas das músicas poderiam até ter sido tocadas pelos Stones, mas não soariam como se tivessem sido tocadas pelos Stones. O disco solo do Dave Lee Roth, por exemplo, não tem nada de Van Halen."

Quem é quem em *She's the Boss*

Robbie Shakespeare e Sly Dunbar - Respectivamente baixista e baterista, são coletivamente conhecidos como os Riddim Twins (Os Gêmeos do Ritmo). Ex-integrantes da banda de Peter Tosh e do Black Uhuru, eles são encontráveis em qualquer disco que se pretenda atual. Já tocaram com Bob Dylan, Grace Jones, Tom Tom Club, James Brown.

Bernard Edwards - Baixista, fundou o Chic com Nile Rodgers, nos anos 70. Produziu o LP do Power Station.

Tony Thompson - Baterista, do Chic, já emprestou seus serviços a David Bowie e participou do Power Station.

Mike Shrieve - Foi o primeiro baterista do Santana. Mais tarde, fundou o Novo Combo, já extinto.

Jan Hammer - Tecladista da primeira formação da Mahavishnu Orchestra e formou dupla em discos e palcos com Neal Schonn, guitarrista do Journey.

Herbie Hancock - Ex-pianista de Miles Davis, atual gênio do hip hop.

Pete Townshend - Fundador do Who, Pete é veterano colaborador dos Stones. Já participou do ainda inédito *Rock and Roll Circus*, programa de TV idealizado pelos próprios Stones em 1968. Cantou e tocou guitarra em *Slave*, faixa do álbum *Tatoo You* (81).

Jeff Beck - Guitarrista fundador do Yardbyrds, descobridor de Rod Stewart, Jeff por pouco não fez parte dos Stones, em 1973. Diz a lenda que ele desistiu da idéia por não ter gostado da seção rítmica da banda.

Chuck Leavell - Ex-tecladista do Allman Brothers, Chuck chegou a ter sua própria banda, Sea Level. Já trabalhara antes com os Stones em *Tatoo You*.

Um astro de rock bem mimado e arrogante se perde no interior do Brasil e descobre o que é a vida real

She's the Boss já está nas ruas há semanas, mas e o clipão? Somente um trechinho é conhecido do público — a faixa *Just Another Night*, ambientada na gafieira Estudantina, no Rio. Ninguém havia conseguido explicar a contento o conteúdo do clipão. Nem mesmo Walther Salles Jr., capitão da brasileira independente Intervideo — brindada com o contrato de feitura de um documentário nos moldes de *The Making of Michael Jackson's Thriller*.

Em meados de fevereiro ele estava às voltas com entraves burocráticos que dificultavam a conclusão do *Making of*. Inicialmente encomendado para exibição na MTV, o trabalho da Intervideo estava ameaçado de jamais ver a luz do dia. A mais recente previsão é de que o documentário fará parte de um pacote, junto com o clipão, para venda em lojas. Mas naquele fevereiro, quando tentei extrair de Walther uma idéia mais clara do roteiro do clip, não consegui grande coisa, apenas imagens fragmentadas, sem muita ligação entre elas.

Graças ao bom Deus existe Julien Temple que — bolas — roteirizou e dirigiu o clip. E ele resolveu contar tudo à revista *BAM!*

"Mick e Jerry (Hall, a atual sra. Jagger) fazem um casal pop bem absurdo, mais para Rod Stewart do que para Mick Jagger. Dennis Hopper é um diretor de vídeo asinino que vai filmar um clip no Brasil mas sem ter a mínima idéia do que pretende fazer. De repente ele resolve recriar *West Side Story* e, então, constrói todo um cenário de Nova York no Rio e faz um vídeo estúpido com brigas de faca, gangues, dançarinos... e Mick completamente bêbado. A coisa acaba se transformando em carnaval. Jerry e Mick estão brigados e ficam disputando para ver quem provoca mais ciúmes no outro. Mick agarra três dançarinas e as leva para seu trailler. Lá ele descobre que são três travestis e acaba levando uma surra deles. Roubam tudo de Mick — dinheiro, passaporte — e o abandonam dentro de um caminhão que transporta carne. No dia seguinte, Jerry se cansa de procurar por Mick e volta para casa. Depois, todos pensam que ele morreu, pois um dos travestis é achado morto, com o passaporte de Mick no bolso.

Após ser preso no tal caminhão, Jagger vai parar numa fazenda do interior. A dona da fazenda é Norma Bengell — a trilha da sequência é *She's the Boss*. O astro é submetido a inenarráveis maus-tratos e a variadas maratonas de sexo, mas consegue escapar. Ainda duro, ele descobre um cassino clandestino, onde perde muita grana (*Lucky in Love*), e acaba indo em cana. Na prisão, faz amizade com os presos e, num golpe de mestre, liberta todos os altamente perigosos ao som de *Secrets*. Na fuga ele é ajudado por uma namoradinha (Rae Chong), que seduz o diretor da penitenciária. Tudo resolvido, os dois vão festejar numa gafieira. Mas o astro tem saudades de casa. Quando chega ao aeroporto, reencontra o diretor de clip, que está de volta ao Brasil para rodar outro vídeo, com outro astro (Ritchie). Quando percebe a presença de caçadores de autógrafos, o astro que parte se enche de alegria. Logo murcha quando descobre que todas as atenções estão voltadas exclusivamente para o astro que chega. E a história termina por aí.

AI, QUE VONTADE QUE DÁ!

FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD — Welcome to the Pleasure Dome (original do selo ZTT, lançamento nacional WEA).

Uma superprodução de Trevor Horn (ABC, Yes) torna irresistível o álbum duplo de estréia da banda. Fora esse banho de sintetizador Fairlight e percussão eletrônica, valem mesmo as faixas que fizeram a festa dos bailarinos europeus em 84 — *Relax* e *Two Tribes* — e a climática faixa-título, que culmina com um belíssimo solo de violão do ex-Yes Steve Howe. Surpresa agradável: a luxuosa capa seiu idêntica à do original inglês. Os cinco Frankies são Holly Johnson (vocal), Paul Rutherford (vocal), Marc O'Toole (baixo), Peter Gill (bateria) e Brian Nash (guitarra).

BRONSKI BEAT — The Age of Consent (Mercury/Polygram)

Apesar de toda a adulação que cerca a ressurreição do "som acústico", o tecnopop não morreu. Como se não bastasse o estrondoso Frankie Goes to Hollywood, esse trio inglês canta o amor gay movido a sequenciadores e outras máquinas. Os hits *Why?* e *Smalltown Boy* somam-se aqui a versões tanto dos irmãos Gershwin (*It Ain't Necessarily So*) a Giorgio Moroder e Donna Summer (*I Feel Love*). Pena que o Bronski Beat já tenha acabado, há menos de um mês, com a saída do agudíssimo vocal de Jimi Sommerville (segundo consta, o garoto não suportou as "pressões do estrelato").

Menos voltada para as pistas de dança, e preocupada com novas texturas que equilibrem as dosagens elétrica, eletrônica e acústica, a dupla inglesa **TEARS FOR FEARS** chega ao segundo LP. O alívio dos fãs conquistados na estréia é facilmente explicável: tiveram de esperar dois anos.

O título, **Songs From the Big Chair** (original do selo Mercury, lançado pela Polygram), revela que Curt Smith (baixo, vocal) e Roland Orzabal (guitarras, teclados, vocal) continuam fuçando as mil vertentes disponíveis de psicoterapia. Trata-se de uma referência à poltrona onde a famosa esquizofrênica Sybill — um caso clínico que virou best seller — extravasava suas fobias e angústias. Citações à parte, o disco conta com melodias pop tão sedutoras que fundem caçadores de vanguardas perdidas e consumidores de radinho de pilha num só público contagiado.

Uma especiaria em vinil: os hits que puxaram, na Inglaterra, o LP até o topo das paradas — *Shout* e *The Working Hour* — valem apenas como amostra de um som que persegue todas as direções possíveis.

STYLE COUNCIL — Shout to the Top (Polygram)

Os maxicompactos, com versões esticadas segundo a refinada arte da mixagem, são uma das saudáveis práticas do mercado fonográfico inglês. Aqui, eles não têm merecido a devida atenção das gravadoras. Ainda assim, você pode argumentar que esse funkaço regado a violinos já tomou de assalto as FMs. Nesse caso, fique com as duas baladas que vêm do outro lado.

Indicado especialmente para os apaixonados pelo LP *Café Bleu* do multiestilístico Council de Paul Weller e Mick Talbot.

Infelizmente, Sting não participa. Mas a trilha sonora de **Dune** (Polygram) conta com uma peça de **BRIAN ENO** e **DANIEL LANOIS**, célebres magos de estúdio e produtores do LP do U2. Essa pérola, no entanto, é cercada da mais insossa mediocridade — leia-se o grupo **TOTO** — por todos os lados. Para os fãs de Eno, que não tem nada (vexame! vergonha!) em catálogo no Brasil, e, claro, para os fãs em potencial do filme (que devem, antes de qualquer coisa, ler o artigo da pág. 44).

Um momento inspirado cercado de mesmice por todas as fronteiras é também o novo LP do **FOREIGNER, Agent Provocateur** (Atlantic/WEA). Com semanas a fio no topo das paradas americana e britânica, *I Want to Know What Love Is* recupera os coros de gospel, a música negra religiosa, com alto teor de sangue, suor e lágrimas — isso com uma especialíssima participação do New Jersey Mass Choir. Agora, o resto do disco...

Nem sombra de dúvida, o pacote heavy do mês é encabeçado por **Castle Donnington — Monsters of Rock** (Polygram). Em 16 de agosto de 1980, esse festival inglês reuniu heavies da três gerações para um verdadeiro banquete de pauleira. O lendário **RAINBOW** de Ritchie Blackmore e os **SCORPIONS** comparecem com duas faixas cada, enquanto **SAXON, APRIL WINE, TOUCH** e **RIOT** (não confundir com o Quiet) engrossam o caldo com uma por cabeça.

THE FIRM, como você deveria saber, é a nova empreitada de dois monstros sagrados do rock inglês, o vocalista Paul Rodgers (ex-Free e Bad Company) e o guitarrista Jimmy Page (precisa dizer de quem?). Um pulinho até a pág. 42 e você tem nas mãos nossa cobertura exclusiva do show do Firm em Nova York.

Lançamento da WEA, através do selo Atlantic, esse primeiro LP do quarteto não recebeu uma acolhida das mais favoráveis lá fora. Seja como for, qualquer obra com o nome de Page merece ser conferida.

Fechando o pacote, mais um grupo escavando a trilha da pauleira-purpurina (cortesia Alice Cooper), habitada hoje por figuras simpáticas como Twisted Sister e Motley Crüe.

Foto: Estúdio Abril

Caso você nunca tenha ouvido falar do **RATT**, que tem seu segundo LP (*Out of the Cellar*) lançado aqui, essa estréia em ordem invertida (Atlantic/WEA) é um bom começo. No recheio, uma versão do clássico rhythm'n'blues *Walkin' the Dog*, de Rufus Thomas, que os Stones gravaram e Laurie Anderson parodiou em ritmo de samba.

Em plagas brasileiras, a época é de brava entressafra. Sabe-se apenas que vêm coisas finas a caminho — como os LPs de estréia do RPM e do Ira! Enquanto isso, apenas dois lançamentos. O grupo franco-paulista **METRÔ** — Virginie (vocal), Alec (guitarra, violão), Zavié (baixo), Yann (teclados) e Danny (bateria) — chega agora em formato LP. **Olhar** (Epic/CBS) é o nome dele e já conta com três hits no currículo: *Tudo Pode Mudar*, *Sândalo de Dândi* e *Beat Acelerado*, este em nova versão à moda inglesa, isto é, em arranjo bossa-nova. Nada mal para uma banda que já se chamou A Gota Suspensa.

Uma boa opção é a coletânea **Aumenta Que Isso Aí É Rock'n'Roll** (Sigla/Som Livre), com certeza a mais abrangente das 1001 já lançadas nos últimos dois anos. Comparecem, entre outros, **LOBÃO** (*Corações Psicodélicos*), **CELSO BLUES BOY** (faixa-título), **LEGIÃO URBANA** (*Geração Coca-Cola*), **BLITZ** (*Meu Amor Que Mau Humor*), **PARALAMAS** (*Patrulha Noturna*) e **LULU SANTOS** (*O Calhambeque*). Ou seja, chuchu e camarão no mesmo caldeirão.

O menestrel está de volta. E, enquanto não chega aqui o novo LP, *Empire Burlesque*, os fãs de **BOB DYLAN** têm neste **Real Live** (CBS) um prato cheio. Gravado nos três últimos concertos da turnê européia realizada por Dylan no ano passado, o disco percorre mais de vinte anos de carreira. A surpresa é o pique de rock'n'roll sem firulas que reveste clássicos como *Highway 61 Revisited* e *Ballad of a Thin Man*. Na superbanda de apoio, as guitarras de Carlos Santana e Mick Taylor (Rolling Stones).

Também ao vivo, chega enfim ao Brasil o grupo inglês **THE CURE**. Gravado na última excursão deles pela Grã-Bretanha, **Concert** (Polygram) é nada menos que o oitavo LP da banda liderada pelo guitarrista/vocalista/letrista Robert Smith (que já integrou esporadicamente os Banshees de Siouxsie).

Ainda que não esteja descontado o atraso, Concert leva o mérito de resumir toda a trajetória da inquieta cabeça de Smith — um percurso que vai do mais curto e grosso pós-punk ao florido neopsicodelismo de seu último LP de estúdio, *The Top*. Para dançar até lascar o assoalho, escolha *Killing an Arab*, primeiro compacto da banda, inspirado em *O Estrangeiro* de Albert Camus: "Estou vivo/ Estou morto/ Sou um estranho/ Matando um árabe".

De um lado, os irlandeses **U2** com **The Unforgettable Fire** (original do selo Island, lançado pela WEA). Do outro, os escoceses **BIG COUNTRY** com seu segundo LP, **Steeltown** (Mercury/Polygram). Na intersecção, guitarras e vocais inflamados, unidos em hinos rasgados ao inconformismo. Não é à toa que ambos os discos acabaram entre os dez primeiros na votação "Melhores de 84" feita pelos críticos do semanário inglês *Melody Maker*. Na produção de Eno e Lanois, a fúria crua do U2 ganhou névoas tecnohipnóticas — para a raiva nua dos puristas, mas adoração da maioria. Já o Big Country continua produzido por Steve Lillywhite, exatamente aquele que forjou no estúdio o "velho" U2. Em suma, dois discaços.

PRINCE & THE REVOLUTION — Around the World in a Day (Warner/WEA)

Um caso sério de expectativas levantadas e, por incrível que pareça, correspondidas. Prince cercou todas as etapas da gravação do maior sigilo: nem os executivos da gravadora podiam chegar perto do estúdio.

Mas, agora à luz do dia, *Around the World in a Day* traz megalomania pop suficiente para arrebatar os ouvidos mais cínicos. Desde a deslumbrante capa, o cantor/multiinstrumentista mergulha de cabeça na estética psicodélica dos anos 60. Uma deixa dessas e pronto... é o suficiente para rotularem o disco de *Sgt. Pepper's* dos anos 80.

Tudo bem, as etéreas cítaras que povoam a abertura estão mais para a fixação de George Harrison em ragas indianas do que a sombria ressurreição de Jim Morrison encenada por neopsicodélicos ingleses como o Echo & The Bunnymen. Ainda assim, sobra espaço para Prince não perder os quadris de vista. Dá para dançar, como manda o figurino de um herdeiro de James Brown. Talvez os arranjos para percussão sejam, inclusive, a faixa mais gorda de *Around the World in a Day*.

Já nas letras, Prince continua o mesmo, obcecado por sexo e Deus. Um erotismo místico que fornece matéria-prima para versos como, na faixa *The Ladder*: "O amor da criação de Deus tirará a roupa de vocês/ E o tempo passado a sós, meu amigo, deixará de existir".

OS BEM COTADOS

Primeiro, um surto de bossa nova contagia os novos pop-jazzistas da ilha britânica. Na seqüência, despontam evidências de que a música brasileira *em geral* anda em alta lá fora. Vamos às provas...

Foto Ivreu B. Filho Abril

"A melhor voz do mundo", segundo Tom Bailey, dos Thompson Twins

Lembra daquela clássica pergunta "Se você fosse para uma ilha deserta, que discos levaria?" Pois bem. Todo mês, a revista americana *Star Hits* pega no pé de alguma estrela até ela aparecer com uma listinha de suas dez canções favoritas. Na edição de fevereiro, o eleito é Tom Bailey, o terço ruivo dos Thompson Twins. E em segundo lugar nas suas dez, *Cravo e Canela*, de **Milton Nascimento.** Diz ele: "Podia ser esta ou qualquer outra canção de Milton. E ele tem a melhor voz do mundo."

Voltando um pouco no tempo, a edição de novembro da *Face* — a bíblia dos ingleses estilosos — incluí *Toda Menina Baiana*, de **Gilberto Gil** em sua seleção de compactos. O toque é o seguinte: "Um samba suave e relaxado em português, a pedida atual em latinas noites dançantes".

Tem mais. A inglesa *One, Two, Testing* (esta é a por e para músicos) de abril traz uma longa entrevista com Simon Booth, líder da Working Week, banda que encabeça o atual pop com base de jazz. Até começar a trabalhar no balcão de uma loja de discos, Simon era um punk convicto. Aí se deu a metamorfose. "O primeiro disco a tocar fundo foi o LP *Getz A Go-Go*, de Stan Getz com Astrud Gilberto e Gary Burton. Era um dos discos mais evocativos que eu já tinha ouvido e, acima de tudo, tinha *canções* fantásticas. Aí ouvi o nome de **Antonio Carlos Jobim** e saí caçando os discos dele. Estava encantado com aquelas melodias estranhas e etéreas, sobre aqueles acordes estilosos."

Para finalizar, o quente nos EUA é **Djavan.** Em pesquisa recente da cadeia de lojas de discos Tower Records, o alagoano vem em 23º entre os mais vendidos. Como se não bastasse, tanto Sting como Paul Simon estão para gravar composições do rapaz que, aproveitando a onda, embarca em excursão pelos Estados Unidos e Japão. Definitivamente preenchida a cota de ufanismo do mês.

Foto Rogério Pires Abril

O compositor que converteu o punk

PROMOÇÃO

200 LPs e 100 camisetas de Bruce Springsteen!

NOME
ENDEREÇO

Ele nasceu nos EUA, como diz o título de seu último LP, *Born in the USA*. Um ídolo nacional, a ponto dos candidatos Reagan e Mondale disputarem seu apoio nas últimas eleições presidenciais (os dois saíram com as mãos abanando). Aqui, no Brasil, a história era outra... isso até o videoclipe de *We Are the World* revelar quem estava por trás daquela voz que no refrão faz o duelo com Stevie Wonder. Até então, *Born in the USA* não vendera mais que duas mil cópias; agora já passou das dez mil.

As 100 primeiras cartas que chegarem à redação com a resposta correta para a pergunta abaixo receberão uma cópia de *Born in the USA*, junto com uma camiseta de Bruce. As próximas 100 ficarão apenas com o LP.

Selo e envelope na mão, qual a pergunta e quais são os autores de "We Are The World"?

A) Bruce Springsteen e David Bowie
B) Michael Jackson e Quincy Jones
C) Lionel Ritchie e Tina Turner
D) Michael Jackson e Lionel Ritchie
E) Ray Charles e Frank Sinatra

Foto Steve Rapport/LFI

Escreva para

BIZZ

Promoção Bruce Springsteen
Caixa Postal 2372
São Paulo/SP

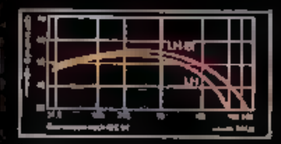
CAMEL

Sabor de aventura.

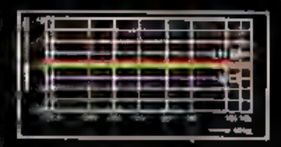
HOT TAPE. A DIFE RENÇA PICANTE ENTRE O SOM QUEN TE E Ô SOM COMUM.

Algumas fitas costumam perder o fole antes do tempo. E quando uma fita se cala prematuramente, sua música também se cala. Isso acontece porque as partículas de óxido de ferro colocadas na fita se soltam, levando primeiro os agudos, depois os graves. Até levar sua música inteira.

No Hot Tape da Basf isso não acontece. As partículas de óxido de ferro são distribuídas uniformemente sobre a fita, através de uma emulsão magnética superavançada quimicamente. **SWITCH:** você pode gravar na posição ferro. A melhor posição que o seu aparelho deve tomar diante de uma Hot Tape. **RECORD:** a música que você gravou fica gravada por muito mais tempo, sem perder graves ou agudos. **PLAY:** sua gravação alcança 7 decibéis a mais nos agudos e reduz sensivelmente os indesejáveis chiados de fundo. **LOUDNESS:** uma pequena diferença técnica na sua fita é capaz de fazer seu coração bater mais rápido a cada segundo. **REWIND:** com a Hot Tape você pode ouvir e voltar quantas vezes quiser. Depois de tocar milhares de vezes, sua música ainda preserva aquela pequena diferença. Ardente, picante, quente, diabólica.



Comparação de perfis de dinâmica em relação às fitas LH normais.



Resposta de frequência comparada com a fita de referência da IEC I.

HOT TAPE. A FITA QUE ESQUENTA QUALQUER SOM.

BASF

Para maiores informações, ligue para o Serviço de Orientação ao Consumidor (SOC) - Fone (011) 258-2261.

TITIA, EU NÃO ESTOU COM LEUCEMIA

Enquanto o Brasil era tomado por uma enxurrada de roqueiros de primeira viagem, Rita Lee estava dando um tempo. "Criando galinha", como ela mesma diz nesta entrevista recolhida por *José Augusto Lemos* em um intervalo das gravações do novo LP de Rita, no estúdio da Sigla em São Paulo

Agora que chegou a hora de colocar um ponto final nesse exílio voluntário, ela passeia de um lado para o outro com seu [illegible] sorriso moleque. Não parece nem um pouco preocupada com as inevitáveis pressões e expectativas acumuladas. Ainda não estará super poderosa a qualidade dos [illegible] do Rock Engraçadinho?

— Não tenho nenhuma resposta para dar a cada [illegible] a ninguém, nem sinto a menor vontade de compor um "Arrombou o Rock". Estou é aproveitando essa [illegible] de poder fazer um disco com tempo e calma.

Bombom, seu último LP, foi feito, segundo ela, a toque de caixa [illegible] mais impessoal [illegible] linha de montagem. Não fizeram muito mais que entregar as canções nas mãos dos produtores, arranjadores e músicos de estúdio contratados em Los Angeles. "Aproveitamos essa especialidade americana que é a eficiência, mas agora estamos pensando em finalizar a produção [illegible] onde esse pessoal se preocupa muito mais com a criatividade."

Um detalhe importante [illegible] pela técnica de composição [illegible] por ela e o inseparável Roberto de Carvalho vem a um prato cheio de [illegible]. Todas as bases foram montadas em [illegible] apenas pelo marido guitarrista [illegible] de um arsenal de teclados com [illegible] (ver ficha técnica).

Nenhum músico de estúdio [illegible] intervenções [illegible] do casal ficarão por conta exclusiva de participações especialíssimas, como os ex-Mutantes [illegible] e Serginho Dias, e os [illegible] dos Paralamas [illegible] Barone. Ex-Mutantes? Pera. Será algum revival? Não, apenas [illegible], ela rebate com uma risada [illegible] Mestres do Suspense.

Mutantes. O nome do grupo já diz tudo. Com toda aquela salada de teorias de comunicação de massa [illegible] que te [illegible] o tropicalismo [illegible] pela absoluta falta de seriedade. Só que isso ocultava um grau de [illegible] deboche, sátira e paródia que só os punks conseguiriam igualar. E [illegible] estrepolias fizeram pular volta de 67 [illegible] de Estrelas [illegible] na esculhambação que Sid Vicious faria com My Way em 78. Apesar do comprimento dos cabelos, os Mutantes nunca foram hippies, pelo menos na formação original: Rita, Serginho, Arnaldo. Mas para ela, qualquer consideração sobre [illegible] mo do trio se apaga com as lembranças da total falta de profissionalismo. "Estávamos mais interessados em curtir o máximo possível, sem nenhuma preocupação." Saudades? "Não. Foi um tempo que já passou", responde — agora bem séria — antes de acrescentar que não nutre nenhuma paixão pelo lado empresarial do rock. "Mais que desprezo, é aversão."

Por essas e outras, Rita guarda péssimas recordações da maratona de shows que ela e Roberto fizeram, do Oiapoque ao Chuí, no verão 82/83. "Meu pai estava morrendo, acho que foi por isso que senti necessidade de me chapar [illegible] par através de [illegible] ritmo desumano daqueles." Apenas uma lembrança bem-humorada: em certa cidade do Norte chegaram a pensar que ela estava dublando em cima de playback por causa de seu microfone sem fio. "Foi um Projeto Rondon", arremata.

E a nova geração do rock [illegible]? Rita conta que tem recebido [illegible] no estúdio do pessoal da [illegible] 90, Metrô, Degradée [illegible] do tratada com a cumplicidade [illegible] uma irmã mais velha [illegible] a grande [illegible] pertencendo ao passado. Esse [illegible] do Rock Brasil [illegible] do qual ela nunca gostou muito [illegible] mais para a R [illegible] do rock. Outra gargalhada.

No mais, ela gosta de muitas das bandas recentes e está [illegible] do junto com Antônio Bivar, Marcelo Paiva e alguns amigos um programa de rádio só para divulgar [illegible] pendendo. Bandas de garagem [illegible] que [illegible] recém-saídos [illegible] Madame Satã [illegible] de São Paulo [illegible] grandes do [illegible] Já [illegible] Rádio Amador, o programa ainda não se [illegible] realidade [illegible] que [illegible] nossas [illegible] e nosso amadorismo. Por enquanto, está na [illegible].

Mesmo com seu entusiasmo [illegible] mais [illegible] ela acha inevitável que [illegible] boa [illegible] porque [illegible] aqui [illegible].

Nesta [illegible] Rita coloca [illegible] positivo de sua parada essa oportunidade de [illegible] atenção [illegible] que está surgindo [illegible] como lá fora. Está apaixonada pelo Style Council e [illegible] o ex-punk Paul Weller [illegible] Aliás [illegible] minha relação com a música brasileira sempre [illegible] bossa [illegible] que [illegible] graças a Deus [illegible] o [illegible] alguma [illegible]? Empolgada, ela passa a disparar preferências: Prince, ousadias [illegible] o disco solo de Mick Jagger, Pretenders, essa uma paixão mais antiga [illegible] 10cc, Frankie Goes to Hollywood [illegible] som da banda [illegible] geração.

Muito bem [illegible] seu LP. Novidades do [illegible]? Opa, opa [illegible] talvez [illegible] rocks ou [illegible] baladas abolerada? Tem uma pitada de brega [illegible] e rock mesmo. A [illegible] Titia, Eu Não Estou Com Leucemia [illegible] responder à [illegible] que varreu a [illegible] o Rock in Rio [illegible] resto está trancado a sete chaves até que o disco seja lançado [illegible].

FICHA TÉCNICA

ROBERTO PROGRAMA, ELES TOCAM

Todas as bases das canções compostas para o novo LP de Rita e Roberto de Carvalho foram gravadas exclusivamente pelo guitarrista munido de um circuito interligado — via MIDI, o interface para sintetizadores — de teclados computadorizados. O sequenciador QX1 da Yamaha controla e sincroniza todos eles: um JX3P da Roland, mais um DX1 e três DX7 da Yamaha. A "cozinha" fica a cargo de dois computadores rítmicos: um Dr. Click e um LynnDrum II custom (isto é, adaptado segundo encomenda).

Tudo isso conectado a uma mesa Boogie, somada a um Room Simulator AMS, para dar "acústica ambiental" aos sons sintetizados digital ou analogicamente. A guitarra mais utilizada por Roberto é uma Fender Stratocaster, também custom.

Serginho Leite

Carrossel da Repetição

Nas barbearias, vida eterna às tardes com estudantes, aposentados, propaganda e outros atos e fatos mais diversos cobrem mais uma dose de variedade nas FMs. Dizer que são emendadas horas e mais horas de pasteurizado e verdade.

Ate que a Radio Cidade, produzisse no Rio, trouxe jovens à frequência modulada era uma coisa de louco, tecnicamente que servia para acordar com música de verdade e não aos enlatadores e escritórios, o que seguia a cartilha do [illegible] radiofônico ortodoxamente para dar ibope e grana, tocando [illegible] e pá-pá-pá. Até não era preciso mais que isso para vender aos anunciantes a ouvinte [illegible] que sempre aquele papo de que as FMs [illegible] Aos poucos as emissoras se [illegible] em [illegible] novas vozes.

Hoje as ondas de aparentes FM [illegible] em três segmentos: rock [illegible] e [illegible] walkman. Dentro desta ação criada a [illegible] as ações das [illegible] tiram proveito total para vender jeans, refrigerantes e [illegible] deles. Mas não havia [illegible] para todas e só as primeiras [illegible] do poderoso bolo ganhavam as verbas. Aos poucos [illegible] passou a interessar somente [illegible] primeiro lugar, pouco importando [illegible] colocassem [illegible] chegar ao topo da audiência. E cada vez mais as rádios são [illegible] jovens e se parecem [illegible] cada vez mais iguais. Nunca Chacrinha esteve tão certo. Nada se cria, tudo se copia.

Das paginas [illegible] Ouvir [illegible] novas concessões. Ainda [illegible] autoriza as novas rádios e [illegible] o [illegible] FM vou bom negócio [illegible] os donos do poder descobriram que [illegible] uma nova mina de [illegible]. Congressistas, [illegible] e [illegible] e [illegible] começaram a trocar favores por emissoras num processo [illegible] a competência profissional vale [illegible] Ponto final. [illegible] os [illegible] pelos [illegible] [illegible] vem engrossar [illegible] da miragem.

A [illegible] de novas rádios [illegible] a [illegible] de novo [illegible] Sonho. Estes [illegible] [illegible] [illegible]

Moreiras exaltados: Paulo Ricardo (baixo, vocal, e Fernando Deluq (guitarra)

Som para *underground* e FMs

"Agora a China bebe coca-cola, aqui na esquina cheiram cola"

Por causa destes versos a música *Revoluções por Minuto*, do grupo RPM, foi proibida de tocar nas rádios. A alegação da Censura: ela incitaria o uso de drogas.

No outro lado do compacto estava *Loiras Geladas*. Lembra? Esta toca muito. Já tem videoclip, foi cantada no Chacrinha e também faz parte do primeiro LP da banda, que acaba de ser gravado.

O percurso não foi fácil. Se hoje o RPM tem o camarim da Pool invadido por 30 garotas de mais ou menos doze anos, à caça de autógrafos, é porque houve muita batalha.

Em maio do ano passado a banca dava seu primeiro show. Foi chamada para abrir o espetáculo do grupo pós-punk IRA, na inauguração do videoclube Zoom Cósmico, em São Paulo.

Depois, o grupo passou a tocar pelo circuito *underground* da cidade, abriu o show do Ultraje no Tropical, conseguiu instrumentos para tocar nas danceterias paulistas Clash e Madame Satã, levou carioca de dono de bar e chegou a dar vários shows na mesma noite.

Popular e sofisticado

Em outubro as coisas começaram a mudar. A banda mandou uma fita para a CBS e concorreu por uma vaga na coletânea *Rock Wave*. Conseguiu e, de quebra, ainda foi aprovada para gravar um compacto.

O disco saiu e a partir daí o grupo passou a tocar pelas danceterias de São Paulo e do Rio.

Somos uma banda rica porque cada um teve uma experiência diferente", segundo a definição de Luis Schiavon, o tecladista. "Ficamos o tempo todo reciclando informação."

Paulo Ricardo, ex-jornalista, é baixista, canta desde os sete anos e já formou várias bandas. Cansado de escrever sobre a música dos outros e, depois de uma viagem pela Europa, chamou Luis Schiavon, com quem já tocava desde 1979. Os dois começaram a compor e montaram o RPM.

Luis estudou 13 anos em conservatório e já tocou muito tecnopop. Acompanhava Mae East (ex-Gang 90) quando conheceu Fernando Deluq, uma guitarra mais ou menos punk.

Essa guitarra vem do tempo em que Fernando estava no Ignose, uma banda paulista, e fazia shows no Napalm e no porão do Persona em São Paulo. E é toca há seis anos e é parceiro de Mae East em *Fire in the Jungle* e *Índio*, músicas que acabam de ser editadas na Holanda.

Em fevereiro, Paulo Pagni, que toca há muito tempo e é professor de bateria, tornou-se o novo baterista da banda. Antes do disco gravado com computador rítmico, o RPM era acompanhado por Júnior, de quinze anos.

A banda se considera um "grupo de palco" e pretende fazer uma música que agrade tanto aos ouvidos *underground* do Sarã quanto aos dos ouvintes de FM e frequentadores das danceterias. "Queremos conciliar o pop/art e o sofisticado. Temos que encontrar um equilíbrio."

Luis Schiavon, tecladista, a cota tecnopop

Fotos: Rui Mendes

FM numa boa

Mas será que depois de Chacrinha, videoclip e LP não teremos uma nova banda de FM? E os mesmos responderam: "A gente não assumiu o padrão da moda, entramos com o nosso papel. A gente não muda, até já chegamos a ser recusados por gravadora". As armações em tempo contado. No LP há pelo menos três músicas que se dariam bem em FM. Mas se a gente não gostasse, não tocava."

O disco vem bem variado. Tem as músicas do compacto. Um tecnopop sobre rádio pirata, quarteto de cordas sintetizado, balada. É só conferir.

Fininvest Especial

O MELHOR INSTRUMENTO
QUE VOCÊ PODE ENFIAR NAS MÃOS NA HORA DE COMPRAR

VOCÊ NÃO PRECISA MAIS BOTAR A BOCA NO TROMBONE NA HORA DAS COMPRAS.

Quando você estiver duro e quiser comprar uma roupa incrementada, os discos de rock mais quentes do momento, acessórios pra sua moto ou pro seu carro... use o Fininvest Especial. Fininvest Especial é o único crédito que tem a força do dinheiro vivo e é aceito em milhares de lojas no Brasil, inclusive nos Shopping Centers.

VOCÊ LEVA A VIDA NA FLAUTA COM O FININVEST ESPECIAL

Você compra o que quiser pelo preço à vista e escolhe o prazo para pagar de 2 a 24 meses. Uma vantagem de deixar todo mundo de boca aberta, não é mesmo?

É SEMPRE BOM BATER NESTA TECLA

Para ter seu Fininvest Especial você não gasta nada. Nada mesmo. É a transação é rapidinha. Basta passar numa Agência Fininvest e preencher uma ficha. Você pode até sair com o seu Fininvest Especial no bolso.

VOCÊ PÕE A MÃO NA GAITA RAPIDINHO

Se faltar algum sufoco, você pode sacar dinheiro na hora, em qualquer Agência Fininvest do país, inclusive nas Agências dos Shoppings.

Fininvest Especial

O que você quer, você pode

BIQUINI CAVADÃO

O HUMOR LEVADO A SÉRIO

Se numa das últimas tardes preguiçosas de outono você tiver esbarrado no rádio com um grupo chamado Biquini Cavadão das duas uma ou você jogou longe a caixa de chocolates e tratou de aumentar o volume aos berros de "que negócio é este!?" ou você correu ao telefone para marcar uma consulta urgente com o otorrinolaringologista, certo de estar sendo vítima de um caso agudo de alucinação aural.

Nenhuma das alternativas acima. O Biquini não é piada nem alucinação, apenas um dos quintetos mais atiçados que surgiram na cena carioca nos últimos meses. Misturando teclados tecno-multitexturizados harmonias pop remanescentes dos Beatles e letras incisivas, o Biquini é um rock-shake peculiar resultado da dieta musical ultra-eclética a que foram submetidos Bruno (vocais) Sheik (baixo), Miguel (teclados) Álvaro (bateria) e Luis Carlos (guitarra). Nutridos de muito samba música clássica, Roberto Carlos tecnopop inglês e alemão e bandas da nova geração de rock brasileiro o Biquini forjou uma sonoridade única, facilmente destacável na mesmice das FMs a tão falada identidade própria que nasceu de uma crise de identidade.

Há dois anos o Biquini Cavadão não era o Biquini Cavadão e, sim, uma banda sem nome que destilava nos salões de um colégio carioca covers corretos de Kid Abelha e Trio (da da da da, lembram?) e que, na falta de uma guitarra apoiava seu som nas muitas possibilidades de um sintetizador. Mudança gente entrou e saiu do grupo fundado por Bruno e Sheik mas nenhum dos ex ou novos integrantes conseguia solucionar o Mistério do Nome Que Faltava. "A gente ficava debruçado no dicionário" lembra Bruno, "tentando achar nomes diferentes e acabava não achando nada de bom. O grupo quase se chamou Hipopotamos de Kant ou então Lambrodocidus Angelibarba (o nome de um peixinho abissal), até que um amigo nosso (iniciais H.V.), vendo aquela confusão toda, disse: 'Ah, põe Biquini Cavadão e acaba o assunto'. E ficou sendo Biquini Cavadão. Eu fui contra, achava bobo, mas todo mundo gostava e acabei gostando também."

O desgosto inicial de Bruno é compreensível. Qualquer desavisado já imaginaria cavadetes devidamente embiquinadas delicando pareias com passinhos a go-go. Mas por outro lado, imagine só ter pelo sul do ente para batizar seu próprio grupo de Biquini Cavadão e não ser um bando de débeis mentais — ou um préfabricado qualquer — disposto a tudo para levantar uma grana. O Biquini contra qualquer expectativa *não* é engraçadinho. Pelo contrário, suas letras são agudos comentários sociais tão sérias quanto um adolescente pode ser (todos do grupo estão na faixa dos 18, 19 anos).

"Tédio" o compacto de estréia do Biquini, é uma bela crítica ao marasmo das jornadas escolares e começou a nascer numa aula de Física que Sheik assistia "mas tinha algumas referências a coisas de fora, como tédio, eu não tenho programa tédio, eu não durmo de pijama e, no fim, acabou virando uma coisa mais ampla". Resultado um claro flagra do estado de espírito do estudante em particular e do jovem em geral. Parafraseando Herbert Vianna, que emprestou guitarras e dicas à gravação de "Tédio" atrás do bom humor do Biquini tem uma seriedade legal.

Mas tudo isso poderia ter ficado restrito aos muros do Colégio São Vicente, não fosse o empenho do produtor Ben (ex-baterista do Kid Abelha), que apressou-se em gravar uma fita-demo de "Tédio" em oito canais e levou a música à Fluminense-FM. Logo "Tédio" estava na programação e, quase em seguida, a Polygram acenava com um contrato.

Entra em cena mais uma vez, o bom humor biquiniano. Para a assinatura do contrato o grupo escolheu a praia como cenário. Os executivos da gravadora entenderam que seria uma cerimônia informal e foram à praia bem como se vai à praia! Eis que, *voilá*, chegam os integrantes do Biquini na praia vestidos a rigor.

JFR

Foto Maurício Valladares

AS FERAS ESTÃO SOLTAS

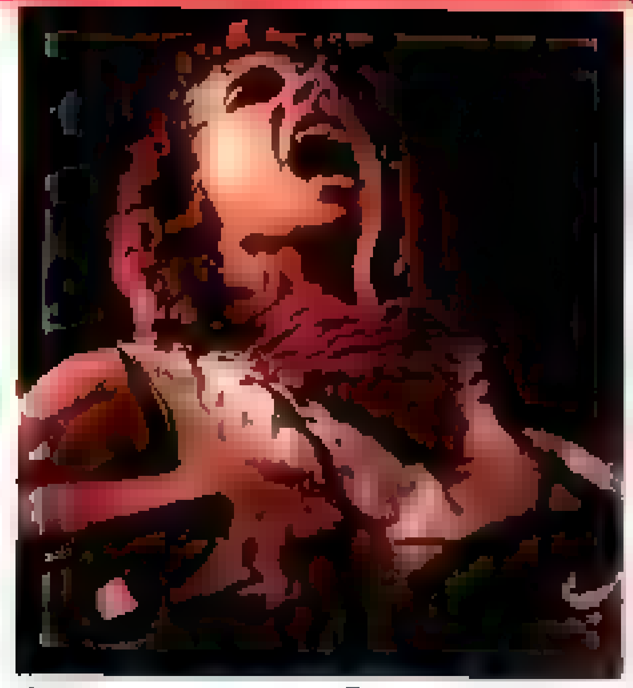
Cukier
O JEANS DE RAÇA

QUIET RIOT

QUEBRA O JEJUM DOS METALEIROS

Com os tímpanos calejados por quase duas décadas de pauleira, ninguém melhor que *Leopoldo Rey* para pesar ao vivo os decibéis do Quiet Riot. Com o megafone, *Rui Mendes* gritava: "Olha o passarinho..."

Kevin DuBrow se vale de pirotecnia e vice-versa



No baixo, o caçula Kjell Benner

No palco, uma dobradinha de micagens entre Kevin e o guitarrista Carlos Cavazzo, mas sem grandes comoções do lado de cá. Bem melhor é a entrada de *Winners Take All*, a única balada da noite e, talvez, seu ponto alto. Milhares de braços são levantados e sacudidos num ritmo dolente. Essa você já viu antes: todos os isqueiros da arquibancada estão acesos, enquanto o gelo seco não faz fumaça suficiente para cobrir o palco.

Não passou de um raro momento de romantismo. Com *Let's Get Crazy* a banda volta a seu andamento normal e, em seguida, Cavazzo fica sozinho no palco. Os outros, com certeza, foram se enxugar. Esperamos pelo solo de guitarra. Fundindo sua própria *Battle Axe* a *Jesus, Alegria dos Homens* de Bach, Cavazzo não mostrou grande coisa além de erudição exibicionista. Lembra de Randy Rhoads, aquele gigante da guitarra que começou com o Quiet Riot para depois roubar os shows na banda de apoio de Ozzy Osbourne? Devia estar tremendo no túmulo.

Nas últimas frases do solo, os outros três voltam aos poucos. Kevin com um terninho de riscas verticais brancas e vermelhas. *Let's Get Crazy* é retomada em uma rápida emenda com *Stomp Your Hands, Clap Your Feet*, e o Riot faz uma saborosa citação ao hino máximo do rockabilly, *Blue Suede Shoes*, de Carl Perkins. Alguém ali no ginásio saberia quem é o ilustre rapaz? Quem reconhece a musiquinha incidental?

Todas as dúvidas se dissipam com o estrondo dos metaleiros reunidos na mais ruidosa unanimidade da noite. Afinal, estão tocando sua versão de *Cum On Feel The Noize* (aquela do Slade), o hit que estourou a banda em sua terra natal. Todo mundo está cantando e Kevin aproveita para carregar Cavazzo nos ombros, no melhor estilo AC/DC. Mas quem é que ouve a música ter ... gritos de "viva Brazil" e "Obrigadou" ... o Quiet Riot deixou o palco.

A gente sabe que eles vão voltar, não pelos fracos pedidos de bis, mas porque isso *sempre* acontece e faltavam ainda alguns sucessos. Dito e feito. E voltam acompanhados de uma bandeira do Corinthians. Vaia geral pela apelação (aposto que no Rio atacaram de Flamengo). No palco, risos amarelos mas, tudo bem, atacam de *Metal Health* com surpreendente marcação de Benner e um belo solo de Cavazzo. No público, aparecem até algumas daquelas máscaras de ferro que simbolizam o grupo.

Zumbido da overdose

Outro hit do Slade, *Mama Weer All Crazee Now*, conclui esta apoteose concentrada e rebatida por um mar de mãos fazendo o característico sinal dos chifrinhos (que a rapaziada do Riot repudiou em sua entrevista coletiva: "Não temos nada de satanistas"). São 23h20 — o que dá uma hora e meia de show — e desta vez o adeus é para valer, acompanhado de acenos com a bandeira do Brasil, "Obrigadou, we love you". Ninguém pede outro bis, mal estamos saindo do ginásio e já dá para sentir aquele zumbido típico da overdose de decibéis. Alguns encontros, aproveito para uma troca de opiniões.

Peninha, o metaleiro calvo da FM 97, gostou "mas nem tanto". Já o venerável Celso Vechione, do Made in Brazil, achou "o cantor um palhaço ridículo e desmunhecado". Para Jack Santiago, do grupo paulista Harppia, o Riot é apenas razoável, bem pior que o Van Halen, por exemplo.

Enquanto isso, no restaurante que fica em cima do ginásio, prossegue mais uma "Sensacional Sexta-Feira Dançante", com a Banda Mosqueteiros detonando boleros e sambas-canções. Será que dava para ouvir alguma coisa enquanto o Quiet Riot faz o seu serviço? Será? A primeira coisa em que pensei foi em Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan empunhando cavaquinho, violão, rabecão e clarinete.

FICHA TÉCNICA

Quantos watts fazem um show heavy

Há mais de um ano excursionando pelo mundo, o Quiet Riot carrega pouquíssima aparelhagem além dos instrumentos de cada músico. No Brasil, alugaram junto à empresa paulista Val & Val todo o PA (sistema de amplificação), a mesa de som, microfones e mesa de mixagem, fora caixas Pearl para a bateria de Banali. A iluminação — 240 spots de 1 000 watts e 4 canhões de luz Supertrouper — foi fornecida pela Translux.

Carlos Cavazzo trouxe três guitarras Gibson, nos modelos SG e Flying V, e duas caixas Marshall. Kjell Benner veio acompanhado de dois baixos Fender Precision. Kevin Dubrow carrega de um país para o outro apenas seu exclusivo pedestal para microfone de madeira, enquanto a bateria Pearl de Frankie Banali é complementada por pratos Zildjian e Paiste. Completam o arsenal racks de efeitos digitais NXR, distorcedor Zeus, equalizador gráfico e Noise Gate.

Calculava-se cerca de 4 000 watts de potência (lembrando que, nos anos 70, o Deep Purple se vangloriava de ser a banda mais alta do planeta, ao atingir os 10 000 watts).

JOHN FOGERTY

Foto: Mike Hastie/ Lebrecht Photo

No final da década de 60, ele era a cabeça e o áspero vozeirão por trás do Creedence Clearwater Revival (na foto: Doug Clifford, Tom Fogerty, Stuart Cook e o próprio John). E agora? Seu disco solo, *Centerfield*, estoura planeta afora.

Quem tem mais de 25 anos talvez ainda se lembre do Creedence Clearwater Revival. Alguns temperamentais mencionam com dó o provável cerne de que o Creedence jamais passou de um subproduto do rock: uma banda eficiente, competente com o faro aguçado para o sucesso e ditando normas e tendências, mas nitidamente pelo fato de ter tido sucesso demais — mais de 10 milhões de discos vendidos em menos de três anos de carreira meteórica. Outros porém lembram-se do Creedence como uma das bandas mais importantes e influentes bandas norte-americanas dos anos 60/70, artistas capazes de misturar o country & western, a música caipira dos EUA, e o blues como poucos conseguiram fazer. São os que são os ritmos e as melodias fáceis de clássicos do CCR — como Green River, Born on the Bayou e Lodi — conseguiram encontrar um retrato político e social da América daquele tempo.

Para estes últimos o CCR poderia ser resumido em duas palavras: John Fogerty. Mais do que a bateria básica de Doug Clifford, o baixo econômico de Stu Cook e a guitarra ritmo de Tom Fogerty (são irmãos), era John Fogerty, quem simbolizava o grupo. Um branco cantando com uma voz impossivelmente negra. Todas as músicas, os arranjos, os solos e as harmonias vocais, em boa parte, além de John, eram do CCR.

Quando o grupo acabou, em 1972, todos os ex-integrantes do CCR desapareceram, ao menos aparentemente, exceto John — ele gravou dois álbuns solo (cobrindo todos os instrumentos) e alguns compactos. Um terceiro álbum, *Hoodoo*, foi prometido em 1976, mas jamais saiu. E, desde então, todos também bem foi desaparecido.

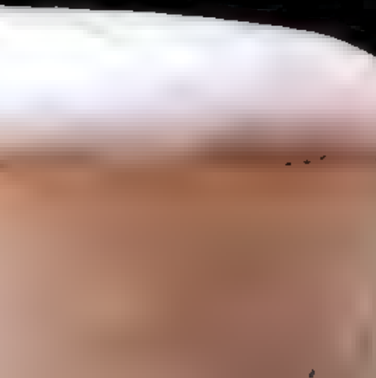
Até que, no final do ano passado, John ressurgiu com *Centerfield*, um álbum que atualiza a sonoridade rústica do CCR e abre uma verdadeira clareira no chaudun pastoso de som padrão FM, medianamente caído pela crítica e categoria de clássico. *Centerfield* alcançou repetindo os êxitos de vendas dos discos do CCR, permanecendo por meses à boa na lista dos "10 mais vendidos" da revista *Billboard*.

O vazio deixado por Fogerty em sua carreira solo — de '76 a '84 — é explicado por uma complicada briga judicial entre o CCR e sua antiga gravadora, a Fantasy. O CCR acabou vencendo e recebeu os mais de 9 milhões de dólares que a gravadora lhe devia de royalties atrasados. E John estava finalmente livre de preocupações para poder voltar a trabalhar.

Mas não foi um processo fácil. Fogerty trancou-se em seu estúdio em Oakland e começou uma série de experimentações. Tenta disco, tenta punk, diz John, e nenhuma delas agradou. Tenta art rock, cheio de sintetizadores. Tem inglês, mas nada daquilo me parecia verdadeiro. Só me senti confortável quando comecei a tocar alguma coisa mais crua, mais selvagem. Foi assim que surgiu *Centerfield*.

Como nas incursões solo anteriores, John é uma espécie de banda de um homem-só. Ao vivo, Fogerty usaria outros músicos, mas no estúdio ele ainda prefere ficar sozinho. Como ouvinte, eu adoro bandas, explica John. Mas quando você faz parte de um grupo você também está cansado com cada um dos integrantes. Acontecem coisas como por que você espreme o tubo de pastas de dentes no meio? E rapidamente muita gente perde a perspectiva do motivo da existência daquela banda: fazer boa música juntos. *JER*

Malt 90, cerveja pilsen.



O prazer de fazer bem-feito.

Qualidade Brahma

O NOVO ROCK ALEMÃO

Me & the Heat, liderado pelo cantor Tom Mega (de gravata preta), no canto superior direito, e terminal de vídeo instalado no auditório para fornecer todas as informações sobre os grupos participantes da programação musical da mostra.

UM ASSOMBRO NA BIENAL DE PARIS

Entre telas e esculturas, a Bienal de Paris deste ano reservou um espaço só para o rock feito pelas bandas de vanguarda do Leste europeu. *Silvano Michelino*, nosso homem no Velho Mundo, foi, viu, fotografou e saiu impressionado.

A noite de 14 de abril, no Grande Halle de La Villette, apesar de aber[illegible] húngaro [illegible], valeu mesmo pela participação das bandas que representavam a Alemanha: Doktor [illegible] a La Loora e Me & the Heat.

Até a entrada de novo [illegible] cada vez mais superestrelas anglo-americanas esperavam pelo golpe de misericórdia punk e a maioria preferia rebolar em ritmo bate-estaca nos salões espelhados das discotecas. Enquanto isso, a Alemanha agarrava o rock pelas orelhas para fazê-lo dar um, dois, três passos à frente. O Kraftwerk enxugava seus devaneios de Pink Floyd teutônico em nome dos quais lançou as bases do tecnopop. O Can explorava colagens com vocais e instrumentais jazzísticos, também sem perder de vista o dançante espírito da época. Enquanto o Faust partia para a minimalista para a música das esferas, o Neu prefigurava o tecnopunk com a raiva de pa[illegible], de em pleno 73 imprimir uma capa em roxo e verde-limão. Vanguarda na Alemanha já é tradição. Quem pegou a excursão brasileira do Cassiber no ano passado sabe. Hoje, na linha de frente do pop radical está o grupo Einstürzende Neubauten (tradução aproximada: Prédios Novos Desabantes), que incorpora a seus instrumentos a partir de sucata.

Quem veio ao gigantesco pavilhão onde está agora a Bienal de Paris — o antigo matadouro municipal — deveria, portanto, saber esperar pelo inesperado. E o show do La Loora começa justamente em clima de deixar todas as expectativas no ar.

Em ambos os cantos do palco, cerca de três metros acima, dois telões projetam à contraluz rasgos e rasgos de cor. Do grupo, só vemos por enquanto a silhueta do baterista, munido apenas de chimbau, caixa e pratos — o resto fica por conta de um computador rítmico. Agora a cantora está à direita e já dá para ver o guitarrista e o tecladista fazendo soar seus instrumentos. Pelo som, ali deveria haver pelo menos mais dez instrumentistas no palco, ou seja, em algum canto de toda a parafernália eletrônica, sequenciadores e sintetizadores programados estão tocando sozinhos, enquanto bombardeios e outras cenas da Segunda Guerra tomam os telões.

Fora as vaias do pequeno número de punks que habita a plateia, todos estão hipnotizados. Criado em 81, o La Loora funde de forma dançante, mas refinada e curiosa, rock, jazz, swing e pop, com a intenção deliberada, nas palavras do próprio grupo, com quem conversei após o show, de estimular o ouvinte. "Com provocações sonoras e visuais diretas. O que nos interessa é o palco, não o estúdio", afirma Doktor.

Tanto que a formação da banda inclui, além de Doktor (sax/teclados), Hoffman (bateria), Split (voz, teclados), Florence (voz) e Amandowicz (guitarra), o operador de vídeo Gramming. Por trás de som e imagem, um projeto ambicioso.

"Nossos faros vanguardistas são precisos. Música pop e música experimental são duas coisas diferentes. Reunir esses dois polos extremos é nosso dever", acrescenta Doktor.

Plena performance: Tom Mega em ação

Eco das garrafas

Mas o melhor ainda estava por vir. Centrado na figura maníaca, quase epiléptica de seu cantor e mentor intelectual Tom Mega, o Me & the Heat deixou os franceses com o queixo no chão.

Além da voz, Mega usa como instrumento uma lata de lixo toda amassada, cheia de garrafas, com um microfone preso à boca com fita crepe e ligado a uma câmera de eco. Sobre as límpidas bases do quarteto que o acompanha — Berno Krämer (trompete), Achim Grebin (bateria), Nico Hesselbach (teclados/flauta) e Reinhard Falk (baixo) —, uma espécie de colagem Police com Miles Davis, o cantor vai quebrando as garrafas, espalhando cacos de vidros por todo o palco, para depois se atirar sobre eles até sangrar. O resultado sonoro é de arrepiar a nuca. No fim, a autoflagelação convive com arranjos elaborados, colocando o show dentro de uma linha de pesquisa e música performática que ultrapassa a instabilidade do rock atual alemão até o caroço. Tom Mega fala como um punk erudito, ou um novo bárbaro com uma base teórica.

"As culturas de tecnologia avançada necessitam de formas de expressão arcaicas e bárbaras, mesmo na fase de seu declínio, ou justamente por causa dele. Mas dentro dessa forma de expressão, para que possamos ter alguma chance de fazer sucesso, é indispensável ter à disposição uma técnica perfeita."

Nada mal para uma simples noite de domingo.

REM

Nestas três letras pode estar o futuro do rock made in USA. De Nova York, *Marco Antonio Menezes* explica porque.

Foto: LF

Cidade da Georgia: a base do grupo

Em sua terra natal, os americanos do R.E.M. são já há alguns anos incondicionais queridinhos da crítica. Na Europa, então, a adoração se estende a um pequeno mas fanático séquito. É a tribo que os coloca, junto com os grupos Jason & the Scorchers, Violent Femmes, Dream Syndicate e Gun Club numa espécie de renascença do *verdadeiro* rock ianque — rústico, guitarreiro e não pasteurizado.

Ou seja, o R.E.M. está com seu terceiro LP na boca do forno para subir à tona, até os ouvidos e corações do chamado grande público. Já estava mais do que na hora.

Formado em 1980 por Pete Buck (guitarra), Michael Stipe (vocal), Mike Mills (baixo) e Bill Berry (bateria), o R.E.M. pôs no mapa musical o nome de Atlanta, capital da Georgia. Com várias gravações superpostas de Buck, ora na guitarra, ora no violão, o primeiro compacto era uma produção independente com *Radio Free Europe* e *Sitting Still*. Não deu outra: melhor do ano (81) segundo os críticos da *Rolling Stone*. A mesma turma de escribas que elegeria *Murmur*, o LP de estréia, o melhor de 83.

No confronto direto com o público não foi tão fácil. Os fregueses de um bar no Texas pagaram à banda 500 dólares para ela não tocar. Num show para a Força Aérea americana tiveram de sair do palco sob proteção policial, tomates voadores e gritos de "bicha". Doce calvário dos inovadores.

R.E.M. é um termo médico que abrevia *rapid eye movement* (rápido movimento ocular) e designa a etapa do sono em que mergulhamos em sonhos. Sintonia direta com as letras enigmáticas, quase obscuras, que povoam um universo sonoro com dois avós frequentemente citados, dois marcos do rock feito à base da inovação e da ousadia: os Byrds e o Velvet Underground.

No disco, essa textura se espalha em trancos e barrancos de liberdade e irreverência. É capaz que o R.E.M. seja a última banda do planeta a aceitar tocar nos pedidos da platéia.

JESUS AND MARY CHAIN

Não, não é outro grupo cristão à la U2. Um mistério decifrado por *Pepe Escobar*.

Quando você ouvir — e ouvir falar de — Jesus and Mary Chain, pense em *desintegração*. São quatro garotos de Glasgow, Escócia, um beco buraco onde não existe nada para a garotada, a não ser um bate-bola e um porre constante. William Reid (guitarra), Jim Reid (vocal), Douglas Hart (baixo) e Bobby Gillespie (bateria) têm menos de vinte anos. Formaram a banda há menos de um ano. Nesse tempo saíram da monotonia caseira, estabeleceram-se em Londres — morando três em um quarto —, lançaram um compacto *(Upside Down)* pelo selo ultra-independente Creation, lançaram outro compacto *(Never Understand)* pelo selo menos independente Blanco Y Negro (associado à WEA), que penetrou nas paradas inglesas, e logo passaram a ser qualificados de "Sex Pistols dos anos 80". Qual é o mistério?

Desintegração. Uma batida psicótica. Uma melodia pop que se arrasta como um dinossauro ferido. E ondas e ondas de microfonia. Para eles a microfonia não é apenas um truque no final de um acorde, usado para excitar o ouvinte. É a própria essência de seu som. Hendrix adoraria.

Não existe tonalidade. Não existem os crescendos que atingem aqueles piques dançantes e assobiáveis próprios ao pop. Temos microfonia rasgando o ouvido como uma lima e a guitarra arranhada a ponto de soltar faíscas. Eu os ouvi pela primeira vez em uma fita pirata de um vendedor em Portobello Road, em Londres. Disse ele: "O concerto é assim mesmo. Quarenta minutos de microfonia. E quando eles resolvem ir embora, param e saem no meio de uma música".

Apareceram em um "vídeo" digamos assim, na BBC. Camisas soltas, caras de bebê branquinhos, jeans rasgados no joelho. Um estilo de neo-psicodelismo. Mas eles não estão preocupados com modas.

A Corrente de Jesus e Maria. A ambivalência de fundo religioso não fica só no nome. Em nome do pai do rock — Elvis —, do Filho — os malucos e degenerados do som dos anos 60 — e do Espírito Santo — a geração punk —, esta corrente diz "Amém".

Tudo que surgiu de importante no mastodôntico universo pop veio de fora. Grupos e figuras marginais, *outsiders* com intenções conscientes ou sub. Os inclassificáveis.

O primeiro Espírito Santo dessa descendência seria o Velvet Underground. Houve outros famosos, como Bryan Ferry e o Roxy Music, Marc Bolan e o T. Rex, Bowie, Iggy Pop, os New York Dolls. Depois, a geração de 77 — Pistols, Tom Verlaine e seu Television, Richard Hell, Joy Division. Até cair do céu a mais

Foto: WEA

Microfonia à moda escocesa

transgressiva dos anos 80 — do que sobrou da desconstrução do Birthday Party aos vôos de Swans e Swans Way, dos eletrocavernosos Alien Sex Fiend aos Princípes da Escuridão, os Sisters of Mercy.

Este seria o som do incesto de Jesus e Maria. Cortante, estilhaçador, um diamante bruto rasgando o vidro. Por tudo que evita, por todos os sons que não respeita, por todos os silêncios aos quais não se submete a música de Jesus and Mary Chain é uma das soluções possíveis para a música pop.

A indústria do pop é mais voraz do que qualquer monstro mitológico. Precisa de um mito a cada dia. Na indústria existe uma grande expectativa em torno desses escoceses. Eles serão capazes de gravar um LP? A WEA vai apostar no seu sucesso? Eles são capazes de levar gente a seus concertos? Tudo isso é secundário. Jesus and Mary Chain já cumpriram sua função transgressiva. Se voltarem ao silêncio, será um grande e apropriado fina

AO VIVO

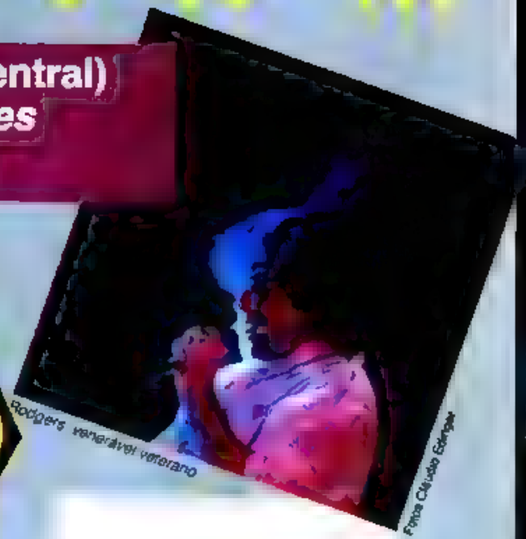
THE FIRM

A nova banda de Jimmy Page (foto central) cai na estrada. *Marco Antonio Menezes* flagra o show em Nova York.

Madison Square Garden, Nova York, 29 de abril de 1985. Platéia lotada. Muitas pessoas vestem camisetas destreadas com os dizeres "Led Zeppelin 1980". Foi o último show em que a lendária banda se apresentou.

Cinco anos de espera para ver o reaparecimento do guitarrista Jimmy Page. Colocado no banco dos réus do sagrado rock'n'roll, Page e Paul Rodgers, ex-Bad Company, ex-Free, essa é a linha de frente do The Firm que em ainda no baixo Tony Franklin e na bateria Chris Slade, da banda Asia, Bard do Manfred Mann, do Uriah Heep e acompanhante de David Gilmour, ex-Pink Floyd, em suas excursões solo.

A história da formação da banda já tem dois anos. Em 1985, Page e Rodgers apresentaram-se juntos numa série de concertos beneficentes que levantavam recursos para Ronnie Lane, ex-Faces, e outros portadores de esclerose múltipla.



Rodgers, vanerável veterano

Fotos Cláudio Edinger

Voltando ao show. Page e Rodgers ensaiaram apenas quatro semanas, levantaram a maior expectativa. Mas muita gente saiu frustrada. Como no disco, o show pouco teve a ver com o brilho e a esponta neidade e a garra do Led. Page ainda é capaz de momentos de mágica como em *Someone to Love* e *Together*, onde os solos soam como um doloroso eco do tempo em que ele era aquela figura toda.

The Firm parece ter ainda um problema de repertório. Um problema que está levando a banda a recorrer no LP e no show a vergonhas como *You've Lost That Lovin' Feelin'*, dos Righteous Brothers. E o que é pior, os nostálgicos do Led Zeppelin que ouviram os discos gravados pela banda entre 1968 e 1979 fizeram muitas caras e bocas. O público mais jovem, parte do qual só tinha de Page referências históricas. Os mais velhos esperavam mais. Saíram meio down. Os mais novos eram mais entusiasmados. Com os solos de Page, com a voz e violão de Rodgers ou com o solo de Tony Franklin em *Midnight Moonlight*, onde aparece cara a cara a influência de Jaco Pastorius, ex-baixista do Weather Report.

Esta renovação de público é um bom sinal. Músicos como Page e Rodgers andam fazendo falta. Para conquistar o público novo, só é necessário que The Firm passe de uma fase aparente de esquentamento para brilhar além da mera competência técnica.

NASCI PARA CONQUISTAR A TERRA.

SUPER TRAIL DT 180-N.
BICAMPEÃ DO ENDURO DA INDEPENDÊNCIA.

Em 1968, nascia a Yamaha DT-1, a primeira moto para fora de estrada. Era o início do mito da era trail. Hoje a Yamaha consolida este mito com a novíssima tecnologia da Super Trail DT 180-N, resultado de uma pesquisa incansável das necessidades de concepção para motos fora de estrada e também para a cidade.

A nova DT 180-N tem design totalmente novo. Tanque e banco formam um só conjunto, muito mais confortável. O tanque, com formato vulcão, tem agora capacidade para 13 litros, possibilitando maior autonomia para viagens e aventuras de trail. O novo painel facilita a leitura e o farol, agora em formato retangular, ganhou uma carenagem que protege o painel e aumenta a aerodinâmica. Pára-lamas mais largos e laterais mais esguias, muito mais próprios para o trail.

Mas, além da forma, a Yamaha mudou também o conteúdo: nova suspensão dianteira hidropneumática, curso aumentado para 200 mm, silenciador do escapamento redimensionado, pedaleira do garupa fixada no chassi, tampa do tanque com chave e respiro, trava de direção incorporada na chave de ignição, e o motor, melhor dimensionado, aumentou o torque em média rotação.

Se você também nasceu para conquistar a Terra, vá até o Concessionário Autorizado Yamaha e veja como é fácil sair com uma DT 180-N.

Especificações técnicas: motor 2 tempos refrigerado a ar, monocilíndrico, sistema YEIS (Yamaha Energy Induction System), a gasolina comum, cilindrada 178 cc, peso seco 102 kg, capacidade do tanque de combustível 13 litros, com 1,5 litro de reserva, suspensão dianteira Cerametalescópica, a hidropneumática, com relação total incorporada, com 200 mm de curso; suspensão traseira Monolock (amortecedor central único), com 150 mm de curso, com cinco regulagens. Freios dianteiro e traseiro tambor, à prova de água e pó, potência máxima 12,2 kW a 7.000 rpm (16,6 CV a 7.000 rpm), sistema de ignição CDI (eletrônica), sistema de lubrificação bomba de óleo automática (Autolube); câmbio: 6 marchas, sistema elétrico 12 V.

NOVA DT 180-N
YAMAHA
O SEU JEITO DE IR.

With Hang Ten you're two feet ahead.

Hang Ten. Via Anhanguera S/N - Km 16 - Osasco - SP - CEP 06000

DUNA

O boom [illegible] Harbert [illegible] ficção [illegible] Duna [illegible] os detalhes que estão por trás desta superprodução que coloca a humanidade a dez mil anos no futuro

Foto Universal City Studios

Se você acha que o cinema dificilmente irá realizar proezas maiores e mais sofisticadas do que aquelas que viu em *2001 Uma Odisséia no Espaço*, ou mais recentemente em obras como *Guerra nas Estrelas* espere para ver a paraferná lia que o diretor David Lynch e seus colaboradores colocaram em *Duna*.

O filme está sendo aguardado como uma das grandes promessas desta temporada cinematográfica, e deve estrear nas telas aqui em este mês com as chances de ser um novo sucesso de público e crítica. De público é praticamente certo, levando se em conta a carga publicitária que inevitavelmente fará a cabeça do espectador. Mas milhões de dólares em publicidade nem sempre resolvem. Depende da qualidade.

No caso de *Duna*, ao menos o fator terreno ou de ficção científica está garantido. Ainda a novela de Frank Herbert já vendeu mais de 12 milhões de exemplares desde seu lançamento em 1965. E como o cinema sempre está de olho nos best sellers, inevitavelmente *Duna* acabaria nas telas com sua história interplanetária, sua filosofia, seu arcabouço de efeitos especiais, sua grande e caprichada produção, a presença do grupo Police através de seu líder Sting, e a necessidade de se resolver certos problemas através da criatividade dos desenhistas de produção.

Nova humanidade

Os críticos afirmam que *Duna* é um caso à parte na ficção científica. Consideram que, no gênero, certos autores criam personagens memoráveis citando por exemplo o computador Hal 9000 de *2001*, o capitão Nemo de *Vinte Mil Leguas Submarinas*, de Julio Verne, as criaturas de George Orwell e Aldous Huxley ou as de Ray Bradbury, Asimov, Heinlein. Mas acham que Herbert em vez de falar sobre os cientistas criou uma história sobre a nova humanidade, aquela daqui a dez mil anos, quando a capacidade não é medida em termos de kilobytes de computadores e sim pelo poder de raciocínio dos humanos.

E dizem mais: que Frank Herbert com a série *Duna* não apenas constituiu um épico nos moldes de uma *Odisséia* ou de uma *Guerra nas Estrelas*. Inventou uma sociedade que a seu modo recapitula a História.

Rejeição inicial

O mais engraçado é que esse best seller foi inicialmente rejeitado pelos editores americanos. Ninguém acreditava no seu sucesso. Herbert correu atrás de nada menos do que 22 editoras com o manuscrito que havia publicado em série na revista *Analog* e acabou sendo obrigado a se satisfazer com uma edição minguada de 2 mil cópias, publicada por uma casa muito mais especializada em consertos de automóveis. Depois, um editor de ficção científica descobriu o livro e lançou uma edição de bolso. Herbert recebeu 2 mil e 500 dólares pelas duas. Hoje faturou 500 mil dólares por ano.

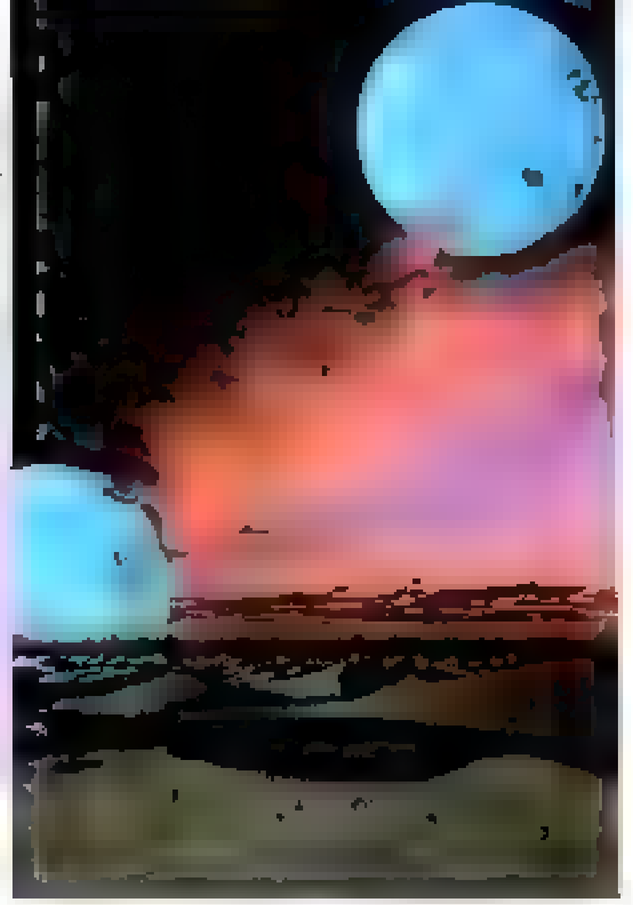
E a trajetória de *Duna* começou a modestamente sem que ninguém nem o próprio autor pudesse imaginar quais seriam os rumos que a obra tomaria. Só o primeiro volume com mais de 700 páginas traduzido para 14 idiomas, dá o retrato do retorno que o autor deve estar tendo em termos de dólares, sem contar o que terá daqui pra frente com os outros volumes de sua saga.

Ele ainda continua escrevendo sobre *Duna*. E diz que há no mínimo 15 milhões de leitores que acharam o primeiro livro muito interessante. "Eu estou conversando com eles sobre como examinar todas essas premissas sobre as quais estruturamos nossos Governos e as nossas teorias de liderança."

Drogas e ecologia

Filosofia futurista é o que menos falta ao filme que derrotou a capacidade imaginativa de uma série de roteiristas mas acabou virando filme. Com um orçamento de 40 milhões de dólares, um dos cinco mais caros de toda a história de Hollywood. *Duna* caiu nas mãos de David Lynch, o mesmo de *O Homem Elefante*, depois de ter passado por outros cineastas que se recusaram, por in-

Vários cineastas se recusaram a tentar a ousadia de transformar em cinema este texto onde é, segundo os críticos, perfeita a comunhão entre a ficção e a política, a filosofia e a aventura.



Fotos: Universal City Studios

[illegible]

Francesca Annis, José Ferrer e Silvana Mangano

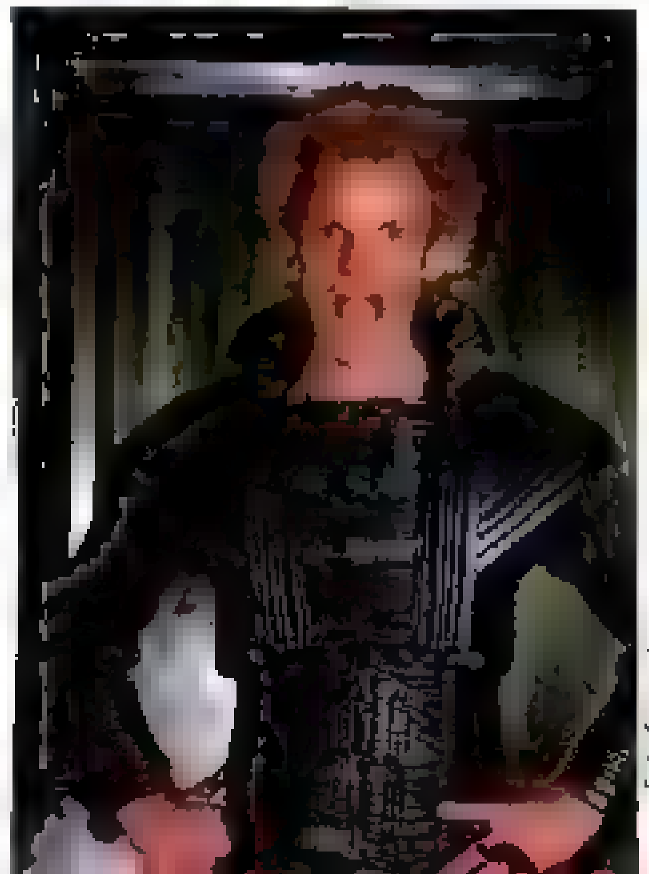


Foto: Gamma

competência ou por falta de recursos, a tentar a ousadia de transformar em cinema um texto onde é, segundo os críticos literários, perfeita a comunhão entre a ficção e a política, a filosofia e a aventura.

Os espectadores, depois do primeiro Duna, podem esperar por uma série de sequências, daquelas que Hollywood gosta de criar. Nesta primeira história está a apresentação de personagens e situações.

Apareceu nos anos 60, quando os especialistas começaram a discutir a verdadeira importância da ecologia num universo que se via, gradativamente, destruído em sua fauna, flora e vida marítima, ou discutia drogas e misticismo, religião e sociedade. O herói principal é Paul Atreides, que se bate pela destruição da sociedade computadorizada para fazer valer a supremacia da mente. Isso tudo num universo que Herbert criou baseando-se no feudalismo cheio de maquinações políticas.

Valores e efeitos

Duna acabou virando filme pelo interesse de Raffaella De Laurentiis, a filha do produtor Dino De Laurentiis, um desses *big shots* de primeira linha. Ela ficou entusiasmada pela primeira novela de Herbert e convenceu o pai a produzir uma versão deste primeiro livro sobre Duna, o planeta, e os seres que tentam coabitar nele pacificamente. De Laurentiis tentou convencer o diretor Ridley Scott, o mesmo de *Blade Runner*, a fazer o filme, e ele recusou. Tentou David Lynch e teve sorte. Ele aceitou a proposta e, entre maio de 1981 e dezembro de 1982, passou escrevendo um roteiro que pudesse ser filmado, resumindo o livro de Frank Herbert sem esquecer os seus valores básicos. Foram necessários 4 mil figurinos diferentes, 75 estúdios de imagens, a maioria deles instalados no México, nos estúdios Churubusco Azteca, onde Cantinflas sempre fez suas comédias, modelos de roupas criados especialmente por Carlo Rambaldi, miniaturas de diversos tipos e a parte eletrônica dos efeitos especiais estudados detalhadamente e um elenco formado por Kyle MacLachlan (o mocinho Paul Atreides), mais Francesca Annis, Jurgen Prochnow, Max Von Sydow, José Ferrer, Sting, Sian Phillips, Sean Young e Linda Hunt, incluindo-se aí uma participação de Aldo Ray, aquele ator que algumas gerações viram em dezenas de filmes de guerra, e de Silvana Mangano, a célebre atriz italiana, no papel da reverenda Mãe Ramallo.

Duna é o planeta Arrakis, deserto onde Mãe Ramallo fala aos seus súditos sobre a chegada de alguém que virá trazendo a "Guerra Sagrada" para limpar o Universo e livrar o povo da escuridão. E então começa essa história misteriosa, simbólica, com conotações bíblicas e religiosas e com o anunciado Paul, como um Cristo intergaláctico que vem ao mundo para salvar, perdoar e ser também um instrumento dos poderosos.

Narcótico-especiaria

Frank Herbert já escreveu sete volumes sobre o planeta Duna e seus personagens. E ainda não se cansou. Acha que cada vez mais é preciso reavaliar a História. No primeiro livro, este que David Lynch filmou, a questão está relacionada a como produzir Messias. O cenário é um planeta habitado por caracteres sinistros, envolvidos por política e religião e, no centro de tudo, o lugar inóspito habitado por lagartas gigantes com 250 metros de comprimento e a tribo selvagem dos Fremen, onde está a fonte da juventude: mistura de narcótico e especiaria que chamam de "melange", que prolonga a vida e também tem o poder de conceder conhecimentos científicos aos que o consomem. É provável que, diante de teses e filosofias, o espectador tenha diante de si um enigma maior do que o de *2001*, com seu monolito negro difícil de desvendar. E é isso que, segundo dizem, atrai em *Duna*. Curiosamente, Dino De Laurentiis foi buscar apoio em nomes conhecidos: o desenhista de produção é Anthony Masters, que foi diretor de arte em *2001*; o criador dos efeitos especiais é o mesmo Albert Whitlock de *Terremoto*; e Carlo Rambaldi se encarregou de desenhar as criaturas especiais com a experiência de *E.T.* e da refilmagem de *King Kong*.

O segundo livro de Frank Herbert, *O Messias de Duna*, foi lançado recentemente no Brasil. Apareceu em 1969 nos Estados Unidos, dando seguimento à odisséia de seus vilãos e intrigantes personagens, vilões e heróis de um mundo futurista carregado dos mesmos vícios, obsessões, pecados, egoísmo e angústias que vivemos hoje no nosso mundo. Apenas, pelo que nos conta Frank Herbert, daqui a 10 mil anos pouca coisa vai fazer do ser humano um novo homem.

O Brasil está exportando velocidade

O Gol GT 1.8 ganhou a 1ª etapa do Campeonato Sul-Americano de Rallye, no Uruguai

RALLYE INTERNACIONAL DEL LAGO URUGUAI
Classificação Geral na Classe C

COLOCAÇÃO	Nº CARRO	MARCA	PILOTOS
1º	3	GOL GT 1.8	Paulo Lemos / Arthur Cesar
2º	4	SUBARU H	José Celsi / Elbio Olave
3º	32	PEUGEOT 504	Carlos Francia / Edgardo Jawetbaum
4º	23	PEUGEOT 504	Jorge Pizzorno / J. Garben

Apoio: [illegible]

Os brasileiros podem se orgulhar de ter mais um produto fazendo sucesso no exterior: o Gol GT 1.8.

Competindo no Rallye Del Lago, no Uruguai, o Gol GT 1.8 foi o primeiro colocado na Classe C (1601 a 2000 cm³) e o segundo na classificação geral.

Uma vitória da raça, desempenho, resistência e velocidade. Para chegar a esse resultado, o Gol GT 1.8 precisou enfrentar verdadeiros campeões de velocidade. Marcas do mais alto prestígio internacional como Subaru, Mazda, Honda, Ford, Renault, Peugeot e outros. Isso vem valorizar ainda mais a vitória brasileira. É provar que, cada vez mais, a tecnologia Volkswagen está muito à frente.

Gol GT 1.8
Qualidade e Tecnologia do Líder

FICÇÃO

FLASH GORDON NO PLANETA MONGO *(Perils from the Planet Mongo,* 1936)

Direção: Frederick Stephani. *Com:* Buster Crabbe, Jean Rogers, Charles Middleton, Frank Shannon. Flash Gordon e companhia são raptados pelo imperador Ming, Mandrake e Zarkov vão salvá-los. Ming quer destruir a Terra. Mas um dos diretores do seriado, Ray Taylor, gostou tanto de Flash Gordon que resolveu fazer mais dois episódios. Foi sucesso nas duas vezes.

UNIVERSO EM FANTASIA *(Heavy Metal,* 198

Para quem acha que quadrinhos são para pessoas normais, ou pessoas adultas, ou pessoas inteligentes, ou pessoas que não sejam crianças, ou pessoas que não sejam retardadas, ou pessoas que não sejam...

BLADE RUNNER (O Caçador de Androides, 1982

Direção: Ridley Scott. *Com:* Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young, Edward James Olmos. Num futuro sombrio, Los Angeles é uma cidade superpovoada, onde a chuva ácida não pára de cair. Rick Deckard (Ford) é um caçador de androides, robôs que se rebelaram contra seus criadores e estão proibidos de pisar na Terra. Deckard tem de caçar quatro androides fugitivos. Mas acaba se apaixonando por uma androide (Young) que não sabe que é androide. Ela acha que é uma mulher normal, com direito a uma infância feliz e tudo mais. Ridley Scott, que dirigiu *Alien*, fez um filme sombrio, de ambientação claustrofóbica, com cenas de ação e violência. Mas o assassinato dos androides Thirsa Joum, Hauer e Olmos é poético e comovente. Um dos melhores filmes de ficção científica dos últimos anos.

Direção: Jackie Arnold. *Com:* Ho

Direção: John Boorman. *Com:* Sharon Stone, Linda Fiorentino, Gene Hackman. Num futuro sem legendas, vale tudo pelo incrível impacto visual. Numa Los Angeles de [illegible] em ruínas, um policial [illegible] permanece [illegible] Bruce Willis [illegible] Stone [illegible] dos que se não [illegible] A [illegible] [illegible] [illegible]

VÍDEO

OLHAR ELETRÔNICO A NOVA TV

Ao sucesso! O aloprado disc-jockey Bob MacJack (foto central) dá o tom de *Crig-Rá*, o programa que está colocando a produtora paulista em cadeia nacional. Nesta entrevista a *Sônia Maia*, Marcelo Machado (foto acima) dá todos os antecedentes e coordenadas da turma responsável pelo que há de novo no ar.

Uma câmera na mão e muitas idéias na cabeça. Foi assim que, em março de 82, três irriquietas figuras fundavam a produtora independente Olhar Eletrônico. Os sócios proprietários Fernando Meirelles, Paulo Morelli e Marcelo Machado compraram uma câmera profissional, arrumaram uma perua (modesta) e foram para a rua, acompanhados de uma equipe de quatro pessoas.

De lá para cá, a Olhar Eletrônico conseguiu prêmios em dois festivais de vídeo; criou a personagem hilária e irreverente do repórter Ernesto Varela (vivido pelo ator Marcelo Tas) e estabeleceu uma nova linguagem nos vídeos do Brasil.

Esta nova linguagem, rápida, bem-humorada, alinhavada por vinhetas e balões emprestados da linguagem dos quadrinhos, conseguiu jogar no vídeo justamente o que a moçada não estava vendo na televisão. Um visual recheado de rock, de uma forma de jornalismo que junta o fato ao pique frenético dos clips e de um cotidiano escamoteado pelas grandes redes de televisão. A linguagem do programa Crig-Rá (o grito de guerra de Tarzã, o rei dos macacos).

"Havia outros nomes, como Tesouros da Juventude, ou Freqüência Modulada", conta Marcelo Machado. "Mas existia uma identificação do pessoal da Olhar com os quadrinhos. E a necessidade de um nome com impacto forte e fácil de memorizar. Aí, um dia, alguém gritou Crig-Rá! E a macacada adorou!"

O caminho para se chegar ao Crig-Rá não foi fácil. A Olhar fez quase de tudo. As primeiras e pequenas produções fizeram o passeio [illegible] inevitável pelo chamado circuito cultural de São Paulo e de outras capitais — museus, salas de vídeo, lugares de encontro de uma turma que se gratifica pela atenção dispensada mas não colabora muito no lado do necessário retorno financeiro.

O quase de tudo exclui a encomenda de um trabalho para uma indústria bélica. A Olhar teria de documentar o funcionamento de um arsenal [illegible]. "A também já era demais", diz Machado, que alegou para a recusa uma questão de princípio. Mesmo com a recusa, o resto dos trabalhos permitiu à Olhar ter dinheiro para contratar pessoal e se profissionalizar.

Mistura de linguagens

Ao se unir, o grupo procurava uma fusão de suas experiências anteriores, um encontro de música, desenho, cinema, vídeo e literatura. A televisão permitia maior penetração, pegando não só o jovem mas diversas camadas etárias e sociais. E o cinema estava fora do alcance dos bolsos da turma da Olhar.

É claro que os primeiros trabalhos como *Garotos do Subúrbio* e *Eletroagentes* estavam carregados do que a TV convencional chamaria vícios e que a Olhar chamou de defeitos especiais. Em *Eletroagentes*, por exemplo, precisavam de um cometa na tela. O cometa foi representado por dois faróis acesos em frente à câmera numa estrada escura. Só que normalmente não se filma pontos de luz muito fortes assim de frente. Eles produzem riscos prolongados no vídeo, considerados tecnicamente como erros.

Em *Garotos do Subúrbio* usaram o que chamam de corte sem tempero. "Explica Machado: "Sempre que se faz uma reportagem é comum, se você cortar a imagem do entrevistado no meio da fala, colocar outra imagem no meio, um inserto, para não dar pulos na imagem durante a fala". Mas no final de *Garotos* a Olhar deixou as falas com pulos, o que deu ritmo às imagens e ao som. *Eletroagentes* foi uma co-produção com Alfredo Fritz e falava sobre Itaipu. *Garotos* é um documentário sobre os punks paulistas.

Já acostumada com o pique, a turma da Olhar partiu para o trabalho direto. Mesmo nos fins de semana. Chato era quando chegava com os trabalhos nas emissoras de televisão. Todo mundo gostava. A resposta, porém, era invariável: "Vocês estão loucos. Não dá para pôr isto no ar". As reações serviram para mostrar aos novos profissionais da Olhar que estavam entrando na coisa de forma ingênua, num estilo meio assim de olhar para os próprios umbigos. "As pessoas não estão interessadas em comprar as coisas que a gente mais gosta de fazer", conclui Marcelo Machado. "Era necessário um esforço comercial numa boa."

A Olhar inscreveu toda sua produção no primeiro e segundo festivais de vídeo do Museu da Imagem e do Som/Fotoptica, realizados em São Paulo em agosto de 83 e junho de 84. E levou primeiro lugar nos dois anos seguidos, um deles em regime de co-produção. Em 83, com *Marly Normal*, o cotidiano de uma jovem classe média. E em 1984 com *Eletrocidade* (co-produção, mais uma vez com Fritz), um clip com a música do ter adista high tech Kodiak Bachine, do extinto grupo Agentss. O clip usou até, em seus efeitos, os recursos do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

Padrão Japão

Os prêmios abriram as portas. A Olhar foi a campo com Goulart de Andrade [illegible] que também estava atrás de uma fórmula para a nova reportagem na TV Gazeta. Com a ida de Goulart para a Record, a Olhar mudou-se para a Abril Vídeo. Onde até hoje permanece com sucesso. Com Crig-Rá, um programa baseado em um personagem central, Bob MacJack, outro tipo vivido por Marcelo Tas. MacJack [illegible] e [illegible] sombrio. Roupinha super [illegible], óculos escuros, a pele amburzada do deejay bi [illegible] hando para as câmaras. O homem âncora MacJack é uma reunião dos estereótipos que estão aí. A comida plastificada de cada dia, a rapidez da metrópole, o consumo acelerado da produção artística — em especial a música hoje descartável.

O parceiro MacJack fala em FM. Quer chegar a um público composto de adolescentes de 13 a 25 anos. E o programa adota um visual próximo do japonês. "A diagramação das revistas japonesas não tem muita limpeza, tem um acúmulo de informações, muita imagem choque. O padrão Japão é muito avançado e a união Oriente-Ocidente dá um equilíbrio mais [illegible] uma integração universal." Recheado do [illegible] videoclip. E as reportagens de Sandrinha, 16 anos.

O retorno de Crig-Rá, há cinco meses no ar, é compensador. Um Ibope que já chegou aos quatro pontos na Abril Vídeo (cidade de São Paulo). Cartas apaixonadas. Um público que, mesmo relativamente pequeno, é ligado e participativo. "É um investimento profissional que leva a gente a acreditar [illegible] da bem [illegible] na vitória de um jeito novo de fazer TV."

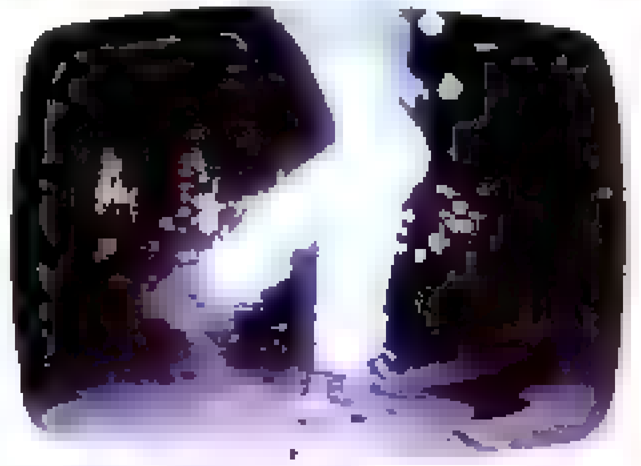
ONDE E ME [illegible] MO? O Crig-Rá pode ser visto em São Paulo (capital), pela TV Gazeta, canal 11, aos domingos, 19h30. No Rio, aos sábados, 21h, pela Record, canal 9. Em Santa Catarina, também aos sábados, às 21h, pela TV Barriga Verde, canal 9. E, finalmente, em Porto Alegre, pela TV Guaíba, canal 2, aos domingos, 19h30. O programa deverá estar aparecendo logo em Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Manaus. Fiquem antenados.

LEGIÃO URBANA

Será

O grupo brasiliense veio até São Paulo para fazer, com a turma do Olhar Eletronico, seu primeiro clip. Simples e despojado, como manda o som da banda: externas na noite metropolitana e tomadas em ação no Rose Bom Bom (onde deram o show). De câmera na mão, *Virginia Fonseca* acompanhou a filmagem e a edição

[illegible]



[illegible]

[illegible]

PROMOÇÃO

Crie um VIDEOCLIP

e ganhe uma câmera e um aparelho de videocassete

[illegible]

Escreva para BIZZ
Caixa Postal 2372
Sao Paulo

We Are The World

F
There comes a time we heed a certain call
B♭ C F
When the world must come together as one
Dm
There are people dying
C B♭
And it's time to lend a hand to life
C7 C
The greatest gift of all
F B♭ C F
We can't go on pretending day by day
B♭ C7
That someone, somewhere, will soon make a change
Dm C
We are a part of God's great big family
B♭
And the truth, you know,
C7 C7
Love is all we need

Refrão

B♭ C7 F
We are the world, we are the children
B♭ C7
We are the ones who make a brighter day
F
So let's start giving
Dm
There's a choice we're making
C
We're saving our own lives
B♭ C7
It's true we'll make a better day
F
Just you and me
F B♭ C F
Send them your heart so they'll know that someone cares
B♭ C7 F
And their lives will be stronger and free
Dm C
As God has shown us by turning stones to bread
B♭ C7 C7
So we all must lend a helping hand

Refrão

A♭ B♭ F
When you're down and out there seems no hope at all
A♭ B♭ F
But if you just believe there's no way we can fail
Dm C
Let us realize that a change can only come
B♭ C7 C7
When we stand together as one

* Repetir duas vezes o refrão. Na terceira, repetir 1/2 tom acima

F B♭ C F B♭ C F Dm C7 B♭ C7 F

Nós somos o mundo

Chega um momento em que atendemos a certo chamado
Quando o mundo precisa unir-se como um todo
Há pessoas morrendo
E chegou a hora de dar uma mão à vida
A maior de todas as dádivas

Não podemos continuar fingindo, dia após dia
Que alguém, em algum lugar, fará logo uma mudança
Somos parte da grande família de Deus
E a verdade, você sabe,
É que o amor é tudo de que precisamos

Nós somos o mundo, nós somos as crianças
Nós somos aquele que fazem um dia mais claro
Por isso vamos começar a dar

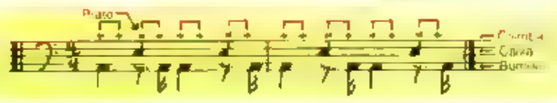
É uma opção que estamos fazendo
Estamos salvando nossas próprias vidas
É verdade que faremos um dia melhor
Apenas eu e você

Envie a eles seu coração
Para que saibam que alguém se importa
E suas vidas serão mais fortes e livres
Como Deus nos mostrou transformando pedras em pão
Assim devemos todos dar uma mão

Quando você está por baixo parece não haver esperança
Mas se você apenas acreditar não há maneira de cairmos
Precisamos compreender que uma mudança só pode vir
Quando nos unirmos como um todo

	TECLADO	GUITARRA	BAIXO
F = fáM			
B♭ = si♭M			
C = DoM			
C7 = DoM7			
Dm = Rem			
C#7 = Do#7M			
A♭ = La♭			
F# = Fa#M			
B = SiM			
C#7 = Do#7M7			
D#m = Re#m			
C# = Do#M			

BATERIA



Antigamente a escala musical começava pela nota lá. Na convenção usada nestas cifras a primeira letra corresponde ao lá e assim, sucessivamente

A = lá
B = si
C = dó
D = ré
E = mi
F = fá
G = sol

M = maior
m = menor
# = sustenido
b = bemol
|: :| = sinais de repetição
Repita o que estiver entre estes dois sinais

Semibreve	4 tempos	Semicolcheia	1/4 tempo
Mínima	2 tempos	Fusa	1/8 tempo
Semínima	1 tempo	Semifusa	1/16 tempo
Colcheia	1/2 tempo		

Escreva para a redação e envie sugestões de músicas que você gostaria de tocar

Guitarras
Giannini
AE01F
AE01E
AE01D
AE01C
AE01A
AE15F
AE15E
AE15D
AE15C
AE15A
HÁ 85 ANOS O TOQUE PRECISO DE QUEM SABE
TRANQUILLO GIANNINI S.A. INDUSTRIA DE INSTRUMENTOS DE CORDAS
Rua Carlos Weber, 184 05303 - Te (011) 261.4322 (PABX) – Telex 01123927 – C.P. 1205 – São Paulo – SP – Brasil

U2

Pride (In the name of love)

One man come in the name of love
One man come and go
One man come he to justify
One man come to overthrow

Pride
In the name of love
What more in the name of love?
In the name of love
What more in the name of love?

One man caught on a barbed wire fence
One man he rest
One man washed up on an empty beach
One man betrayed with a kiss

Refrão

Early morning, april 4
A shot rings out in the Memphis sky
Free at last, they took his life
They could not take his pride

Refrão

Orgulho (Em nome do amor)

Um homem vem em nome do amor
Um homem vem e parte
Um homem vem para trabalhar
Um homem vem para derrubar

Em nome do amor
O que mais em nome do amor?
Em nome do amor
O que mais em nome do amor?

Um homem preso em uma cerca de arame farpado
Um homem trazido pela maré até uma praia deserta
Um homem traído com um beijo

De manhã cedo, 4 de abril
Um tiro ressoa no céu de Memphis
Livre enfim, tiraram sua vida
Não conseguiam aceitar seu orgulho

* Referência ao assassinato de Martin Luther King

Escreva para a redação enviando o nome das musicas que você quer ver traduzidas

PHIL COLLINS

Foto: Vrba

One more night

One more night, one more night
I've been trying oh so long to let you know
Let you know how I feel
If I stumble or if I fall just help me back
So I can make you see

Refrão

Please
[me one more night
Give me just one more night, one more night
Oh one more night, because I can't
[wait forever

I've been sitting here so long
Wasting time just staring at the phone
And I was wondering should I tell you
Then I thought maybe you're not alone

Refrão

Give me one more night, give me just
[one more night
Just one more night because I can't wait
[forever

Like a river to the sea, I will
[be with you
And if you should sail away, I will follow you

Give me one more night, give me just one
[more night because I can't wait forever

I know there'll never be a time you'll
[ever feel the same
And I know it's only words
But if you change your mind, you know
[that I'll be here
And maybe we both can learn

Refrão

Mais uma noite

Mais uma noite, mais uma noite
Ando tentando ha tanto tempo fazer
[você saber
Fazer você saber como me sinto
Se eu tropeçar ou se eu cair, apenas
[me ajude a voltar a ficar de pe
Para eu poder fazer você entender

Por favor, me dê mais uma noite
[mais uma noite
Mais uma noite, pois não posso
[esperar para sempre
Me dê só mais uma noite, mais uma
[noite
Mais uma noite, pois não posso
[esperar para sempre

Estou sentado aqui ha tanto tempo
Perdendo tempo só com os olhos
[fixos no telefone
E estava imaginando se devera ligar
[para você
Ai pensei que talvez você não esteja so

Me dê mais uma noite, me dê so mais
[uma noite
So mais uma noite pois não posso
[esperar para sempre

Como um rio para o mar, estarei
[sempre com você
E se você navegar para longe, eu
[seguirei você

Me dê mais uma noite, me dê so mais
[uma noite
Mais uma noite pois não posso
[esperar para sempre

Sei que nunca haverá um momento
[em que você sinta o mesmo
E sei que são so palavras
Mas se você mudar de ideia, você
[sabe que estarei aqui
E talvez possamos os dois aprender

MANDE SEU SOM PARA BIZZ

Você tem uma banda?
Tem algum jeito de fazer uma gravação?

Se tem, faça isto: grave a musica de sua banda e mande pra gente ouvir.
A redação de BIZZ vai ouvir e avaliar seu trabalho com o maior cuidado.
E você vai concorrer a prêmios nor veis!
Se sua banda chegar na frente em primeiro, vocês ganham um dia de estudio de 24 canais, com técnico e tudo, para a gravação de um compacto simples. E tem mais: Um contrato para apresentaçoes em dancetenas quentes e ainda instrumentos para fazer seu som ficar mais transado!
Para o segundo e o terceiro colocados um dia de estudio e a possibilidade de dividirem um compacto.
Além disso, cada banda vai ganhar uma coleção de discos com os melhores lançamentos do mês.
Entre nessa. Pode ser o começo de uma carreira de muito sucesso. E so mandar sua fita para a redação de BIZZ.

BIZZ

Caixa Postal 2372 São Paulo/SP

DISCOTECA

BÁSICA

Pois e, ate o reino da musica descartavel (bem-vindo ao Circo do Rock'n'Roll) tem seus classicos eternos. São aqueles discos que cristalizam o auge criativo de uma banda importante, ou então definem as trilhas para a geraçao seguinte. Dá para conversar sobre heavy metal sem o primeiro do Led Zeppelin? Você pode tentar... Mas, para nao dar vexame, é melhor prestar atençao nesta discoteca básica. Afinal, estes discos fizeram história. Mes que vem tem mais.

The Sun Sessions — O Rei **Elvis** [illegible] antes de entrar no exercito e largar de Hollywood e cantar baladas [illegible] Rockabilly [illegible] com a energia [illegible]

16 Golden Greats — Uma coletânea [illegible] as lendárias obras de **Chuck Berry**. Entre elas *Johnny B. Goode* [illegible]

Revolver — A guinada definitiva **Beatles** para lançar o pop dos anos 60. Cravos violoncelos eletrificados uma ousadia que [illegible]

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band — Mais uma gente pretende a [illegible] do álbum branco [illegible] entre em primeiro quando quer bando de [illegible] [illegible]

Blonde on Blonde — [illegible] **Bob Dylan** [illegible] obra prima

Highway 61 Revisited — Gaitinha [illegible] A [illegible] [illegible] mesma

The Doors — [illegible]

The Velvet Underground & Nico — [illegible]

Are You Experienced? — [illegible] as possibilidades e [illegible] des de um novo instrumento [illegible] a **Jimi Hendrix** recriar a [illegible] elétrica

Layla & Other Assorted Love Songs — Sob a alcunha [illegible] desconsolado de **Derek & The Dominoes**, outros dois grandes [illegible] tas Eric Clapton e Duane [illegible] fabricam os novos blues

The Who Sell Out — Em [illegible] programa de rádio [illegible] propaganda, uma sátira [illegible] ao consumismo [illegible] [illegible] dos Pete Townshend

The Piper at the Gates of Dawn — Experimentalismo [illegible] grau mais radical. Esse é o **Pink Floyd** de Syd Barrett [illegible] banda tenha de esperar [illegible] para ouvir algo [illegible] teram de esperar até

The Dark Side of the Moon — [illegible] comando de Roger Waters [illegible] sobre a esquizofrenia [illegible] provado no ácido Syd Barrett [illegible] Empolgante do início ao fim, quer dizer rock para [illegible] o sofá [illegible] nhe de ouvido

Led Zeppelin — [illegible] brou todos os acordes dos seus [illegible] em sua explosiva estréia. Começou com uma balada tradicional [illegible] nore anglo-saxão. *Babe I'm Gonna Leave You* ao single [illegible] ção. Na [illegible] abu [illegible]

Led Zeppelin IV — Parece uma coletânea [illegible] dades. *Greatest Hits* mas [illegible] Rock'n'Roll e [illegible] do se anos 60 [illegible] bateria [illegible] [illegible] [illegible]

Foto Mar[illegible] Villalobos

HERBERT VIANNA

O namoro precoce de um Paralama

Ele usa óculos. Tem uma invejável coleção deles só superada por uma segunda coleção — a favorita — que, ironicamente, ajudaria a celebrizar nacionalmente os óculos: as 10 guitarras de Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso.

O caso de amor de Herbert com a guitarra começou bem cedo, quando aos 5 anos [illegible] na TV pela primeira vez. "O que me pegou em primeiro lugar foi a atitude do guitarrista", explica Herbert. "É muito diferente uma guitarra de um teclado, por exemplo. Quando você vai tirar aquele acorde que vem do fundo da alma, você [illegible] praticamente parado, se for um teclado [illegible] a guitarra permite ao músico responder com mais intensidade [illegible] o corpo."

Por sorte, os pais de Herbert aprovaram esse precoce namoro. Aos 10 anos, Herbert ganhou do pai seu primeiro violão e aprendeu [illegible] tocar alguns hits vigentes, como My Sweet Lord, de George Harrison, e Amada Amante, de Roberto Car[illegible] [illegible] Herbert [illegible] Novamente [illegible] Herbert [illegible] guitarra [illegible] Curiosamente, Herbert [illegible] anos [illegible] aprendendo [illegible] violão [illegible]

Por influência [illegible] cavam em sua quadra em Brasília, Herbert acabou voltando [illegible] A só ouvia Jeff Beck, [illegible] Jimi Hendrix, John M[illegible] [illegible] aos [illegible] Herbert [illegible] e ficava tardes inteiras [illegible] [illegible] o som [illegible] ela é a mexer [illegible] Se você abrir a sua [illegible] você vai entender [illegible] Tem muita gente [illegible] poder enriquecer [illegible] timbre de tanto tocar, Herbert [illegible] por uma [illegible] guitarra mais limpa. "Eu [illegible] da guitarra limpa [illegible] Se você for [illegible] diferentes guitarras [illegible] que o som é basicamente [illegible] mesmo. Os recursos — [illegible] pedais que eu uso são [illegible] a preencher mais espaço [illegible] mudar o timbre do instrumento.

[illegible] vezes [illegible] agora [illegible] mais [illegible] Ao [illegible] o [illegible] Ma[illegible] [illegible] bem [illegible] em pas[illegible] quem mais [illegible] [illegible] Hendrix dos a[illegible] A guitarra dos anos 60 teve a direção que o Hendrix deu e a guitarra dos anos 70 e 80 tem a direção que [illegible] fazendo ca[illegible] [illegible] Herbert [illegible] a definição que [illegible] Jeff Beck [illegible] para o [illegible] [illegible] guitarra de [illegible] JER

FICHA TÉCNICA

GUITARRA POR GUITARRA

De suas dez guitarras, Herbert prefere duas Fender Stratocaster (uma azul, outra vermelha), da série especial The Strat. "Elas têm um corpo especial, de madeira pesada, e a eletrônica delas é toda nova."

As outras duas favoritas são Ibanez, de fabricação japonesa. "Só uso essas duas no estúdio, porque são muito complicadas para shows, têm muitos controles diferentes, enquanto outras guitarras funcionam apenas com uma chave de captadores e controles de volume e tonalidade. Essas Ibanez também são diferentes por causa do braço de 24 trastes (quando o normal são 21).

"De uma forma geral, sempre prefiro o som Strato, aquele som do Summers e do Adrian Belew (do King Crimson)."

Strato ou não, as guitarras de Herbert — ao vivo ou em estúdio — são ligadas a um compressor DBX (que aumenta o sinal de saída da guitarra e diminui os abismos existentes entre notas mais ou menos intensas), um digital delay Roland, mais um Ibanez HD-1500. Essa nova aquisição acumula funções de harmonizer e chorus (para "dobrar" os desenhos musicais da guitarra e dar mais ressonância a essa "dobra", respectivamente) e pitch control.

Um pitch control serve para alterar a tonalidade de uma ou mais notas. Assim, quando Herbert toca um acorde, ele pode, ao mesmo tempo, conseguir, do pich control de seu HD-1500, a terça, a quinta e a oitava de cada nota daquele acorde.

Os pedais e as guitarras falam através de dois amplificadores Mesa Boogie (os mesmos usados por guitarristas como Keith Richards e Pete Townshend) e caixas Marshall. JER

CASIO CT 6000

Polifônico de oito vozes, com teclas sensíveis à pressão do toque, o CT 6000 é um dos mais sofisticados modelos da Casio. O instrumento possui vinte timbres pré-programados, que vão do piano ao conjunto sinfônico. Também são vinte os ritmos eletrônicos apresentados, sincronizáveis ao acompanhamento automático. O CT 6000 inclui ainda controle manual de afinação (*pitch bend*), *glissando* automático (que fornece uma seqüência de notas ascendentes a partir da última nota tocada), transpositor (que muda a tonalidade do teclado, variando de sol a fá sustenido) e memória de aproximadamente 400 notas. Terminais de entrada e saída de MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*) possibilitam o uso do CT 6000 como teclado auxiliar de sintetizador equipado com o mesmo sistema. Entre os acessórios opcionais, há um pedal de controle de sustentação para variar a duração das notas tocadas, e um pedal de volume. O Casio CT 6000 pode ser encontrado na Dragão, rua Nova Barão 52/54, São Paulo, ao preço de Cr$ 13.692.000. Na Musicenter Importação e Exportação, no Rio de Janeiro (r. Visconde de Pirajá, 207/loja 215), o teclado sai por Cr$ 9.850.000 (maio/85).

Foto de Divulgação

SPARK SP 4000

Circuitos digitais agora integram os novos órgãos spinet da Spark. O SP 4000 apresenta no manual (teclado) superior seis registros de flautas, dois de cordas e clarinete 16', trumpete 8', oboe 8'. Há oito presets diretos: piano, guitarra havaiana, cravo, violino, banjo, acordeon, bandolim e celesta. Para o manual inferior foram reservados quatro registros e, para a pedaleira de treze notas, três. A seção de ritmo oferece opções entre vinte e quatro ritmos diferentes, que são sincronizáveis com o sistema de acompanhamento automático. Este último é equipado com memórias separadas para acordes e baixos, e permite escolha entre baixo "caminhante" (notas em seqüência ascendente ou descendente) ou baixo alternado (apenas a fundamental e a dominante do acorde). O órgão vem acompanhado de banqueta.

A Spark informa que o preço do SP 4000 é Cr$ 10.980.000 (maio/85). Outros detalhes podem ser obtidos junto à fábrica, na rua Catulo da Paixão Cearense, 549, Saúde, CEP 04143, São Paulo. No Rio, o teclado pode ser encontrado pelo mesmo preço na Musicenter.

Foto de Divulgação

TRENDSET PHILIPS

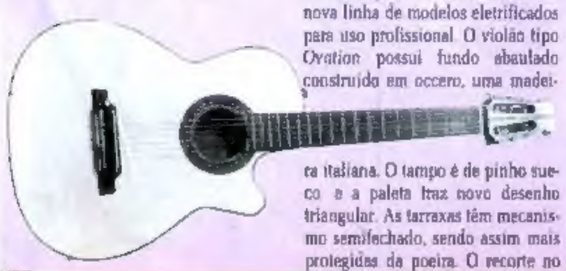
O Brasil entrou em abril no seleto clube dos países que fazem transmissões de TV em estéreo. Em um lance feito a quatro mãos, Philips e Rede Globo mostraram em São Paulo, para uma pequena e privilegiada platéia, uma transmissão em estéreo do programa Clip Clip.

A transmissão foi um dos lances da campanha agressiva de lançamento do caro e sofisticado televisor Trendset, de 20 polegadas (preço médio, Cr$ 3.000.000, maio/85). Há 61 anos operando no Brasil e com mais de cem milhões de aparelhos vendidos em todo o planeta, a antiga companhia holandesa mais uma vez faz jus ao que consideram sua característica — pode ser lenta mas, quando se movimenta, rola com o poder de um tanque de guerra.

A Philips respondeu ao lançamento de duas teves estéreo surgidas no ano passado, da Mitsubishi e Telefunken. Por isso, a resposta parece ter vindo tarde. Na verdade, a Philips acabou se beneficiando. Até o Clóvis resolver transmitir em estéreo, não havia indícios de que as emissoras se preparavam para um som de melhor qualidade. Agora, os consumidores podem se sentir mais confiantes.

A novidade não é só o estéreo. O Trendsel tem algumas características que o elevam à categoria do receptor de vídeo mais complexo já produzido no Brasil. Para isto, colaboram o controle remoto de 31 funções, conectores para videocassete, game ou microcomputador e saídas para fones de ouvido. Além de um amplificador estéreo de 12 watts RMS e caixas acústicas que podem ser desacopladas do aparelho.

VIOLÃO ELÉTRICO DEL VECCHIO



A Del Vecchio, marca tradicional na fabricação de violões, estréia sua nova linha de modelos eletrificados para uso profissional. O violão tipo *Ovation* possui fundo abaulado construído em oocero, uma madeira italiana. O tampo é de pinho sueco, e a paleta traz novo desenho triangular. As tarraxas têm mecanismo semifechado, sendo assim mais protegidas da poeira. O recorte no corpo, logo abaixo do braço, dá livre acesso às notas mais altas da escala. Há controle de volume para o captador interno, cuja saída se situa na parte interior do corpo. O acabamento é feito em cores claras. O preço é de Cr$ 4.000.000 (maio/85) na loja e fábrica Del Vecchio, localizadas à rua Aurora, 196, São Paulo. Informações sobre outros produtos pela Caixa Postal 611. Atenção: este modelo só pode ser encontrado em São Paulo. É exclusividade da Casa Del Vecchio.

Fotos: Virginia Fonseca

A NOVA GUITARRA GIANNINI

Foram apresentadas na última UD as novas guitarras da linha profissional da Giannini. A AE 015C, um dos modelos dessa linha, possui diversos componentes importados, como os dois captadores tipo *humbucking* e as tarraxas Schaller. Os vinte e um trastes da escala são de alpaca. Há dois controles de volume, um para cada captador, e um controle de tonalidade. As cordas fornecidas são fabricadas pela própria Giannini. O braço de marfim contém tirante ajustável. O acabamento é sunburst com fundo dourado. A nova guitarra deverá estar nas lojas ainda nos próximos meses, e seu preço, até agora não estipulado pela fábrica, deverá ser alto, considerando-se o número de peças importadas. Informações mais detalhadas podem ser obtidas junto à própria Giannini, no seguinte endereço: rua Carlos Weber, 184, CEP 05303 ou Caixa Postal 1205, São Paulo.

PEDALEIRA DE EFEITOS KORG

Operando tanto para guitarras como também para teclados, a pedaleira Korg PME 40X é formada por quatro módulos de efeitos: chorus (que cria um efeito de eco sobre a nota tocada), delay analógico (que atrasa o sinal emitido pelo instrumento), *phaser* (que atua deslocando a fase do sinal) e seleção de extensão. O *chorus* e o *delay* são estereofônicos, com controles de velocidade, manual e profundidade (para o chorus), playback e nível de efeito (para o delay). O *phaser* apresenta controles de velocidade, profundidade, manual e *feedback*. Há quatro disparadores individuais e um geral. Cada unidade de efeito pode ser facilmente desacoplada da pedaleira para eventual substituição. Uma entrada e duas saídas (mono e estéreo) e capacidade para funcionar em corrente alternada de 110 ou 220 completam esta pedaleira, que é vendida por Cr$ 2.520.000 (maio/85) à vista na Casa Bevilacqua, rua Direita, 115, subsolo (São Paulo). A loja oferece garantia de um mês e assistência técnica da própria revendedora. Na Musicenter, Rio de Janeiro, a pedaleira tem seu preço em dólares: US$ 1.500.

GAMBITT TX-70

Começam a surgir no Brasil órgãos portáteis que incluem sintetizadores analógicos. Este recente lançamento da Gambitt, o TX-70, possui teclado de 61 notas (apto de ser dividido em partes de solo e acompanhamento). As fontes sonoras dividem-se em duas seções: polifônica e monofônica, a primeira com sete registros variáveis e seis presets (instrumentos pré-programados), e a segunda, sete presets sintetizados e os módulos do sintetizador. Para criação de novos sons, o sintetizador conta com um oscilador (VCO), um amplificador (VCA), um filtro (VCF), um gerador *envelope* (ADSR) e um oscilador de baixa frequência (LFO). O TX-70 apresenta saídas separadas para órgão e sintetizador, e afinação independente para cada um. Os acessórios opcionais incluem o *Interface* MIDI, inédito em teclados produzidos no Brasil. O preço do novo órgão portátil, segundo o fabricante, é de Cr$ 3.967.000 (maio/85). A Gambitt fica na av. José Maria de Faria, 470, CEP 05038, Lapa, São Paulo.

Os cariocas vão ter que pagar um pouquinho mais pelo seu teclado. Na Musicenter custa Cr$ 6.920.000.

COMPUTADOR RÍTMICO KORG

Para quem deseja se iniciar em percussão eletrônica, a KR 55B é uma bateria de ritmos pré-programados de até 96 opções diferentes. O executante tem a seu comando o volume individual de cada um dos instrumentos: bumbo, caixa, prato, chimbau, tom-tom/conga, *rim shot* (borda de caixa) sino-de-vaca/ *claves*. Outros controles que permitem variar a marcação rítmica são: *fill-in* (espécie de repique), variação de jazz (extensível a outros ritmos, com intensidade gradual), tempo e volume. O painel traseiro apresenta uma entrada para pedal de partida e parada do ritmo ou para *fill-in* e introdução, além de saída de *trigger* e seletor de sinal alto ou baixo. A Korg KR 55B custa Cr$ 2.950.000 à vista, (maio/85), na Casa Bevilacqua, rua Direita 115, subsolo. No Rio, a Musicenter vende este computador rítmico a US$ 1.500.

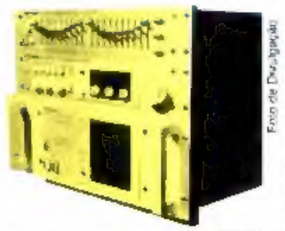


Foto de Divulgação

A LINHA 1800 DA CYGNUS

Cygnus é um nome respeitado por poucos e bons conhecedores de equipamentos de som. Ao lado da também seleta Micrologic, ela tem a creme de (o creme do áudio nacional de alta qualidade. E é dentro dessa linha que se enquadram os equipamentos da recém-lançada linha 1800, indicada pelo diretor Marcos Mistak para os "amadores entusiasmados".

A definição não é exagerada. A série agrupa equalizador de dez oitavas por canal com quatro opções para gravação (preço médio: Cr$ 1.200.000, maio/85), pré-amplificador estereofônico pronto a receber toca-discos a laser (preço médio: Cr$ 1.400.000, maio/85), duas versões de amplificador de potência (380 watts RMS ou 520 WRMS — preço médio: Cr$ 3.600.000, maio/85) e caixas acústicas, denominadas Heavy 500, para 500 watts IHF (preço médio: Cr$ 2.100.000, maio/85). Os sonofletores, segundo Mistak, foram desenhados especialmente para danceterias e contam com quatro falantes para as frequências médias, dois para os agudos e um woofer para os sons graves.

Com essa história de agrupar som e vídeo, porém, a Cygnus já sai a campo preparada para não perder o provável bonde dos casamentos de rocks. O pré-amplificador 1800, por exemplo, tem conectores específicos para videocassetes, o que pode dar um tempero fantástico nos clips.

NOVIDADES CCE

A CCE já apresentou por duas vezes, nas feiras de Utilidades Domésticas em São Paulo, de 1984 e 85, sua versão de toca-discos digital. O lançamento de verdade, no entanto, parece longe e sequer transpiram boatos dos gabinetes de executivos da empresa. Mas, mesmo enquanto não divulgam a data do *début*, a companhia paulista prepara a retaguarda da operação, muito provavelmente pensando em auferir lucros com base nos aparelhos de seus concorrentes.

A primeira empreitada da companhia nesse terreno estará nas lojas a partir do próximo mês. São as caixas acústicas CL-15X, modelos para paredões residenciais que dissipam até 100 watts RMS (ainda sem preço estipulado pela CCE). Isso significa pouco mais de 200 watts IHF, potência média/alta para o mercado local. O novo sonofletor funciona no sistema de reflexão de graves (ou boss-reflex) e é municiado com dois alto-falantes de dez polegadas para reprodução de baixas frequências, um componente para os sons médios e dois tweeters acolchoados com borda de espuma para agudos.

Os falantes usados pela CCE têm cones de polipropileno. Normalmente é utilizado papel. A vantagem do material sintético não era questionada a poucos anos, mas basta que cheguem as primeiras versões nacionais para a poeira começar a subir. Os defensores do polipropileno acreditam que sua elasticidade, entre outros aspectos, permite melhor reprodução por largos períodos de tempo, o que o papel envelhecido não deixaria acontecer. Os detratores por sua vez, sugerem artificialismos, especialmente na reprodução de sons graves. O melhor, de qualquer forma, é confiar nos ouvidos. O resto é consequência.

O Kurzweil e outros cérebros eletrônicos

Ninguém vai negar que Stevie Wonder é um gênio. Mas, para o Oscar que ganhou com a música de *The Woman in Red*, e teve a colaboração de outro gênio: o da eletrônica. A música que fez para o filme foi toda composta com o teclado Kurzweil 250, invenção de Raymond Kurzweil, sugerida pelo próprio Wonder.

Stevie usava, há tempos, uma outra invenção de Kurzweil: que lê texto impresso para cegos (o inventor está agora criando um processador de palavras que obedece a comandos vocais). Stevie sugeriu a idéia: por que não fazer uma máquina que produzisse o som rico e profundo de instrumentos acústicos, mas com todos os efeitos dos melhores sintetizadores?

O resultado, que já está à venda nos Estados Unidos por 11 mil dólares, é o teclado 250, que quebrou a barreira entre sons naturais e sons reproduzidos. Tem incorporados 30 instrumentos acústicos: de guitarras a baleias, pode registrar qualquer som natural em sua memória e reproduz um coral perfeitamente.

Para amadores, ainda é um sonho. Mas, mesmo para quem tem ambições iniciais menores, o casamento de música simples e computadores domésticos já tem muito a oferecer.

Várias companhias americanas — como a Waveform, Electronic Arts, Mindscape, Spinmaker, Scarborough Systems, Sight & Sound — oferecem programas para computadores domésticos que permitem compor melodias na tela e tocá-las através de um alto-falante incorporado ao computador.

Para multiplicar esta capacidade, basta conectar seu computador com um sintetizador musical que tenha conexão MIDI (*musical instrument digital interface*), e com um sistema de som em estéreo. A partir daí, você pode usar coisas como os disquetes da Passport Design. É experimentar no teclado diferentes arranjos para a música gravada no disquete, designando partes para várias vozes e instrumentos.

Enquanto a música toca, suas notas aparecem coloridas na tela do terminal, como uma "partitura animada". A Sight & Sound lançou, aliás, um programa que permite, além de fazer arranjos para canções, criar seus próprios videoclips, com imagens gráficas eletrônicas, para acompanhar a música.

Um dos segredos é a conexão MIDI, que também permite a um tecladista acionar vários sintetizadores ao mesmo tempo, dando a concertos ao vivo aquela impressão de som "em camadas", feita nos estúdios com muitas faixas de gravação superpostas. Este mesmo efeito pode ser conseguido com *Rock'n'Rhythm*, um programa da Spinmaker para Commodores 64 com disk drives ou compatíveis. O *Rock'n'Rhythm* transforma o computador num verdadeiro estúdio, e o teclado e o do próprio computador.

Para compor música mais complicada, acaba de surgir um programa que é um verdadeiro "processador de palavras" em relação à música, e o *Bank Street Musicwriter*, da Mindscape, para C-64 com disk drive. Além de escrever, corrigir, modular e harmonizar, este programa imprime partituras. As instruções que incluem orientação dentro do próprio programa em andamento, são claras e simples, com uma ótima introdução à composição e notação musical. É difícil achar programa melhor para o iniciante que queira experimentar o gostinho de compor sua própria música.

A literatura faz o jogo

As produtoras de videojogos finalmente entenderam: ninguém suportava mais a infantilidade dos jogos em que a única coisa a fazer é atirar contra foguetes espaciais, explodir planetas ou ajudar sapinhos a atravessarem rios cheios de crocodilos eletrônicos.

Uma idéia simples e genial está dando origem a vários videojogos que, além de agilidade, exigem inteligência e perspicácia. São videojogos baseados em livros de sucesso. Para alguns críticos, são mais que videojogos: apontam para uma nova forma de literatura: a ficção interativa.

'Interativa' porque o jogador, em vez de ser mero leitor, se torna um ator. Toma decisões e escolhe caminhos, enquanto acompanha aventuras baseadas em livros como *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury; *Rendez-Vous With Rama*, de Arthur C. Clarke; *Robots of Dawn*, de Isaac Asimov.

A maioria dos novos videojogos literários é inspirada em autores de ficção científica, mas a nova idéia será sem dúvida aplicada também a outros gêneros de romances. Arthur C. Clarke (o autor de *2001*, que já previa esta literatura eletrônica há 20 anos) está entusiasmado:

— Escrevi um final totalmente novo para a versão em videojogo de *Rama*. A missão do leitor é explorar uma nave espacial alienígena, com 20 quilômetros de comprimentos, e descobrir de onde veio, o que veio fazer.

Em Fahrenheit 451, também lançado pela Trillium americana, o problema é redescobrir a literatura e salvar a cultura mundial, numa Nova York futura em que os livros são proibidos, como no livro e no filme do mesmo nome.

Há uma expectação e um tesouro em jóias perdidos na selva de *Amazon*, um jogo escrito pelo romancista Michael Crichton, talvez a primeira obra inteiramente original desta nova literatura interativa.

Byron Preiss, que produziu a maioria dos jogos da Trillium, já tem pedidos de vários outros livros adaptados e de obras originais.

— Os autores ficaram fascinados com a idéia de livros que dialogam com o leitor, movimentam-se, tocam música, reagem.

Para o público mais jovem, a Trillium está lançando a mesma idéia em adaptação de livros mais simples como *O Mágico de Oz*, *Robin Hood*, *A Ilha do Tesouro*.

(Todos estes jogos, lançados recentemente nos Estados Unidos, podem ser usados em computadores Apple II, Comodore 64 com disk drive ou modelos compatíveis.)

FOTO UPI

Com Judy Garland, O Mágico de Oz virou time. Agora é a vez de videojogo.

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silva Faro, Thomaz Souto Corrêa, Angelo Rossi, José Augusto P. Moreira, Roger Kamenan, Plinio Lreggor, Ricardo A. Fischer

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi
Diretor Geral: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Chefe de Redação: José Ribamar Mendonça
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Pereira
Repórter: Luisa de Oliveira
Arte: Cristina Canabrava Arruda (chefe de arte), Roberto Tyzo (chefe de paginação), Cleber V. Correa (ilustrador)
Produtor de Texto: Jorge Toth
Consultores Especiais: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Assistente de Promoções: Sônia Maia
Colaboradores: Leopoldo Rey, Marcos Sinkiunt, Maurício Bonas, Orlando Fassoni, Roger Escobar, Wilt Verdaguer (fotos), Claudia Dantas, Claudio Edinger, Luciana de Francesco, Maurício Valladares, Rui Mendes, Virginia Fonseca (Itália)
Correspondentes: Marcos Antonio Monteiro (N.Y.), Silvano Michelino (Paris)

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: João Carlos Geraldo (gerente) — Escritórios: **Milão**: Laura Cenci (chefe), International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02 54 56831 e 54 56212-20122, Milano, Telex 331585 e 332809 — **Nova York**: Otávio Lopes (chefe), Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237070, Phone (212) 5990-5993 — **Paris**: Pedro de Souza (chefe), 33, Av. Champs Elysées 2° Bureaux 212 Bis 214, Paris 74008, Phone: 225-5865, Telex: ABRILPA 660737

Departamento de Documentação: Alta Rosas Barreto (gerente)

Serviços Fotográficos: Pedro Marinho (gerente)

Diretor de Propaganda e Promoções: Carlos Arruda
Gerente Comercial: Sandra Corrêa

Gerente de Publicidade-Brasil: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente de Publicidade-São Paulo: Armando de Arruda Sampaio
Contatos: Ricardo Corte Real, Marcos A. de Andrade (S.P.), Raimundo Maia (Rio)
Coordenação de Publicidade: Rosangela Garcia de Souza Lima
Rio: Getulio T. Batista (gerente)
Belo Horizonte: Walter Cruz Gonçalves (supervisor)
Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Curitiba: Angelo Cosi
Florianópolis: Geraldo Nilson Azevedo
Fortaleza: Roseli M. Pereira da Silva
Porto Alegre: Elcanho Engel
Recife: Geraldo Amaro Rodrigues
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Vitório Cesário Filho

Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cos Jr.
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Administrativo: Pedro Franzão
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Nonnenberg

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Carneiro

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência**: rua Cerqueira Fausto Gomes, 61, Brooklin, tel. 545-8122, caixa postal 2972, telegramas EDABRIL, telex (011) 23027, 23322 e 24134. **Escritórios: Belo Horizonte**: rua Aimorés, 368, 2° andar, sobrel. 201, 202 e 208, tel. (031) 224-4855, telex (031) 1380, telegramas Abril Press. **Brasília**: SCS, Edifício Central, 10°, 12° e 13° andares, tel. (061) 224-9130, telex (061) 1464, telegramas Abril Press. **Curitiba**: rua Fernandes de Barros, 491, 1° andar, tel. (041) 262-8633, telex (041) 5278, telegramas Abril Press. **Florianópolis**: rua Osmar Cunha, 15, 2° andar, s. 214, Edifício A. Sá, (0482) 22-7826, telegramas Abril Press. **Porto Alegre**: rua General Câmara, 622, s. 678, tel. (0512) 33-2899, telex (051) 1092, telegramas Abril Press. **Recife**: av. Dantas Barreto, 1186, Edifício São Rafael - Cjto. 903/904, tel. (081) 224-0977, telex (081) 1184, telegramas Abril Press. **Rio de Janeiro**: rua da Passagem, 123, 8°, ao 11° andares, Botafogo, tel. (021) 295-5282, telex (021) 22674, caixa postal 2372. **Salvador**: rua Alfredo, 304, tel. (071) 247-3599, telex (071) 1180, telegramas Abril Press. **Distribuidor Portugal**: Distribuidora Jornais e Publicações Ltda., Quinta Paz, Varas — Alvarenga dos Fetais, 2645 — Carnaxide — Lisboa. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural. São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias às mesmas.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Foto Lucinha Canale

Ian Curtis em sua única apresentação na TV, no gelo. Contessa Canzone 44.

Há cinco anos, a perda de um poeta

Manchester, Inglaterra, 18 de maio de 1980. Aos 23 anos, um dos maiores poetas do rock — Ian Curtis, vocalista e letrista do Joy Division — desliga a TV. Acabara de assistir *Stroszek*, filme de seu cineasta predileto, o alemão Werner Herzog. Sobe até o quarto e enforca-se com os lençóis.

Joy Division, ou "Divisão da Alegria", era o nome reservado à ala das prostitutas nos campos de concentração nazistas. Na avalanche de bandas formadas sob estímulo direto dos Sex Pistols, Joy Division foi um corte inocitável.

Começaram em 77, como uma banda de puro punk, muito parecida (ficou registrada em um pirata) com os Buzzcocks, também de Manchester. O nome Warsaw — ou Varsóvia — tirado de um lúgubre instrumental de Low, primeiro LP da trilogia gravada por Bowie em Berlim.

À troca de nome, um ano depois, traz uma profunda metamorfose. O ritmo desacelera, as frases de guitarra adotam uma circularidade claustrofóbica e o baixo sobressai como o instrumento mais melódico. É o quase heavy metal, pesado mas entorpecido, que está no primeiro LP — *Unknown Pleasures* (79) — e faz o crítico Stephen Grant dizer: "O Joy Division está para o heavy metal como a antimatéria está para a matéria".

A nova identidade fica completa na voz de Ian — assumindo um tom mais grave, descendente direto de Jim Morrison, em perpétua oscilação entre a descrença e a fé. As letras, então, ampliam para um painel desesperador. Uma obsessão com o passar do tempo, o fim da adolescência e a corrupção de todas suas promessas. Acrescidas de sintetizadores pelo produtor Martin Hannett, em *Closer* — o segundo LP, lançado pouco depois do suicídio de Curtis — estas letras apontam para a solidão e para a morte em tom de celebração religiosa. Hannet chegou a construir uma redoma de gesso no estúdio, para obter a sonoridade de uma capela. E a capa traz uma Paixão de Cristo em estilo gótico.

Com sua morte, Ian Curtis virou instantaneamente objeto de culto, como indicam as dezenas de discos piratas da banda. E o Joy Division, antes adorado apenas por um fanático mas pequeno séquito, fez a fortuna da Factory, a gravadora independente de Manchester. O resto da banda segue — acrescido da tecladista Gillian Gilbert — com o nome de New Order. Exorcizam o fantasma de seu poeta partindo para um melancólico porém dançante pop eletrônico. Com o guitarrista Bernard Sumner nos vocais, estão já no terceiro LP, *Low Life*. Melhor que ninguém, sabiam que não poderia haver Joy Division sem a poesia em transe de Ian Curtis.

Em um Lugar Solitário
(In a Lonely Place)

Acariciando o mármore e a laje
Amor em especial por alguém
O desperdício na febre que aqueci
Como eu queria que você estivesse
aqui comigo agora

Corpo que se encolhe e esconde
Arcos que trazem freqüentes delícias
Quente como um cachorro ao redor dos pés
Como eu queria que você estivesse
aqui comigo agora

O carrasco olha para os lados enquanto espera
Na forca, a corda se estica e então quebra
Um dia nos morreremos em seus sonhos
Como eu queria que estivéssemos
aqui com você agora

Uma das últimas letras escritas por Ian Curtis, In a Lonely Place não chegou a ser gravada em sua voz. A canção está no lado B do compacto Ceremony, o primeiro lançamento do New Order.

BIZ

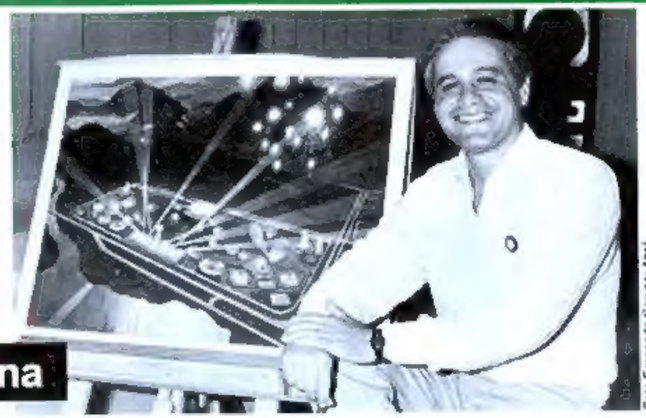


Foto Fernando Seixas Abril

Roberto Medina

A hora e a vez do coreto eletrônico

"Durante dez dias de música e magia, quase um milhão e meio de jovens vindos de toda a parte tiveram ali sua assembléia, sua praça, seu templo, seu lugar"

Durante uma certa época, foi moda no Brasil construir estádios faraônicos em cidades carentes de quase tudo. Muitos deles não conseguiram jamais lotar completamente. Enquanto isso, o outro grande pólo da criatividade brasileira, a música popular, tem que se contentar até hoje com locais improvisados, sem um mínimo de infra-estrutura técnica e de condições acústicas para se expressar na plenitude.

Por experiência própria posso dizer que, quase tão difícil quanto trazer Frank Sinatra ao Brasil, foi equipar o Maracanã para um espetáculo digno do artista e das 140 mil pessoas que lá foram.

Foi por isso que, antes de sonhar com o Rock in Rio, eu tive que sonhar com a Cidade do Rock. Sem ela, jamais teria acontecido o maior show da história.

Um show que não foi só de música, mas também de paz, organização, profissionalismo. Construída em apenas cinco meses, sem um centavo pedido aos cofres públicos, a Cidade do Rock ergueu-se do nada para se tornar atração comentada no mundo inteiro. E depois ser destruída da maneira que se sabe. Mas uma coisa nenhuma prepotência ou mesquinharia pode destruir: o exemplo. Durante dez dias de música e magia, quase um milhão e meio de jovens vindos de toda a parte tiveram ali sua assembléia, sua praça, seu templo, seu lugar. E ali deram sua resposta à intolerância, ao preconceito e à incompreensão. Ao invés da baderna temida, uma inesquecível demonstração de ordem e paz. Em lugar da alucinação coletiva, uma comovente fraternização de pessoas unidas pela sensibilidade.

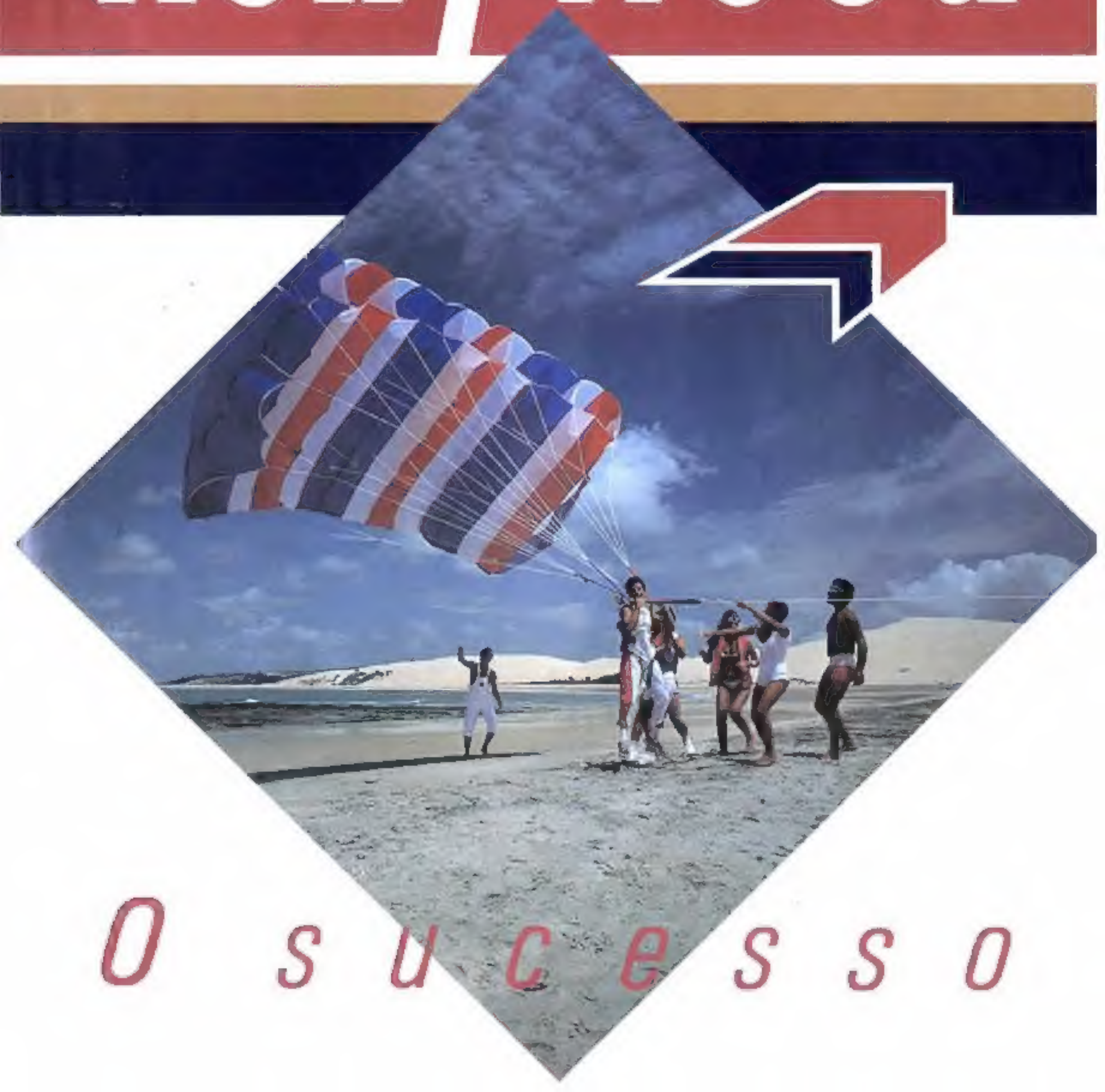
O exemplo não pode se perder. É preciso, é absolutamente preciso, que os jovens de todo o país mantenham viva esta chama e se mobilizem para exigir de seus governadores, de seus prefeitos, a abertura de um espaço para a música em cada comunidade. Ou melhor ainda: a reconquista de um espaço para a música, que esteja para a tecnologia e as exigências de hoje como estava o coreto para as cidadezinhas do passado. É importante lembrar que não havia cidade sem a praça da igreja. E não havia praça da igreja sem o coreto da banda.

Veio a explosão populacional, a concentração urbana, a megalópole. Veio a revolução da eletrônica. Estamos menos ingênuos, mais sofisticados, mas não ficamos mais sábios. Desaprendemos muito em matéria de convivência, de solidariedade, de comunhão em torno das mesmas emoções. Ficamos mais solitários. E é a solidão que traz a insegurança, a tristeza, a vontade de se atordoar por qualquer meio.

Construir um espaço para a música é criar um ponto de convergência para a juventude. É criar uma ponte sobre a solidão e afastar os fantasmas que sempre a acompanham.

Um novo Brasil está começando agora. Que nele se multipliquem os coretos eletrônicos.

hollywood



O sucesso